

FUNDAÇÃO GETÓLIO VARGAS
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"BASES FILOSÓFICAS E IMPLICAÇÕES TÉCNICAS NA GESTALT-TERAPIA"

ROSANE CARNEIRO PORTO

FGV/ISOP/CPGP
PRAIA DE BOTAFOGO, 190 - SLA 1108
RIO DE JANEIRO - BRASIL

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"BASES FILOSÓFICAS E IMPLICAÇÕES TÉCNICAS NA GESTALT-TERAPIA"

por

ROSANE CARNEIRO PORTO

Dissertação submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

S U M Á R I O

Agradecimentos -----	iii
Resumo -----	v
Summary -----	vii
INTRODUÇÃO -----	01
1 - GESTALT - TERAPIA: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO -----	05
2 - PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS -----	24
3 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS BÁSICOS -----	51
4 - A ATITUDE TERAPÊUTICA -----	64
5 - CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS À GESTALT-TERAPIA -----	77
COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES -----	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	93

A G R A D E C I M E N T O S

- Ao Professor Franco Lo Presti Seminério pela sua orientação e por permitir que este trabalho seguisse o caminho escolhido por sua autora e revelasse suas idiossincrasias.

- Ao grupo da clínica, Magda, Renato, Claudia e Fernando pela troca de idéias e por estimulantes discussões em torno de questões fundamentais em Gestalt-terapia.

- À Maria Cristina Tsalis, mestra e amiga, que muito contribuiu na compreensão da Gestalt-terapia.

- Ao Professor Walter Ribeiro pelo material que tornou mais rico o conteúdo deste estudo.

- Ao Elro Masulo pela revisão do capítulo sobre as bases filosóficas.

- Às colegas do curso de Mestrado, Lúcia Adriana e Regina Célia que nos momentos de desânimo incentivaram a levar em frente este ensaio.

- Ao Mário, um agradecimento especial, pelo apoio, incentivo e disponibilidade em compartilhar dos difíceis momentos da elaboração deste estudo.

- À minha mãe, Gilda, Severiano, Ieda, D. Lucinda e Sr. Raul pelo apoio e estímulo na realização desta dissertação.

R E S U M O

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão epistemológica das bases filosóficas da Gestalt-terapia, procurando relacioná-las com suas técnicas e procedimentos terapêuticos.

A Gestalt-terapia é apresentada a partir de sua origem, incluindo-se uma biografia de Fritz Perls, onde fica evidenciada a influência de outras abordagens no seu pensamento. Os pressupostos filosóficos são enfocados procurando relacionar alguns conceitos centrais da fenomenologia e do existencialismo com a Gestalt-terapia. Inseriu-se uma breve apresentação dos pressupostos teóricos básicos, a fim de colaborar para uma melhor compreensão da abordagem como um todo. A atitude terapêutica é investigada tomando-se por base a visão de homem exposta nos fundamentos filosóficos. Finalizou-se com algumas considerações críticas à Gestalt-terapia.

Esta análise conduz às seguintes conclusões quanto à linha terapêutica enfocada:

- Filosoficamente, baseia-se numa visão existencialista de homem, que valoriza a vivência, a subjetividade e a singularidade, deixando emergir a dor, a angústia e o sofrimento. Afirma que não há natureza humana. O homem é um ser inter-relacional, que confirma sua existência na relação com o

outro e a sua essência última é o mistério. O ser humano só se revela em liberdade; é um ser responsável por suas escolhas.

- A atitude terapêutica adotada é fenomenológica e existencial. Os fenômenos da situação terapêutica são vistos isentos de qualquer a priori. O terapeuta acompanha o fluxo de consciência do cliente, buscando compreender o que lhe está sendo desvelado e captar seu sentido.

S U M M A R Y

The objective of this work is an epistemological reflection on Gestalt-therapy philosophical basis, trying to associate it with its techniques and therapeutic procedures.

Gestalt-therapy is shown from its origin, including a biography of Fritz Perls, where the influence of other approaches in his mind is evinced. The philosophic presuppositions are highlighted trying to relate some central concepts of phenomenology and existentialism with Gestalt-therapy. A brief introduction on the basic theoretical presuppositions was inserted, to help a better understanding of the approach as a whole. The therapeutic attitude is investigated supported on man's vision revealed in the philosophic essentials. It finishes with some critical considerations on Gestalt-therapy.

This analysis leads to the following inferences which refer to the therapeutic line focused.

Philosophically it is based on man's existentialist vision which appraised existence, subjectivity and singularity, letting pain, anguish and suffering emerge. It ascertains that there is no human nature. Man is an interrelational being and his innermost essence is mystery. Human being only

reveals himself in freedom; he is responsible for his choices.

The therapeutic attitude adopted is phenomenologic-existential. The therapeutic situation phenomena are seen free from any "a priori". The therapist keeps up with the client's conscience flow trying to understand what is being unveiled to him and enthrall its meaning.

INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia se fez melhor conhecida pela prática do que pela teoria, onde sua sistematização é escassa, desorganizada e incompleta. Este trabalho teórico sobre Gestalt-terapia, originado dentro da prática clínica, busca elucidar a visão do homem e a atitude do psicoterapeuta.

Em parte, esta precariedade na elaboração teórica é fruto de um momento histórico no qual a Gestalt-terapia explodiu nos Estados Unidos - a década de sessenta. Coincidiu com todo um movimento contra-cultural e se estruturou como uma terapia alternativa.

A Gestalt-terapia colocava-se contra o sistema vigente desde a sua filosofia até a sua prática. Na filosofia imperava o positivismo e na psicologia o behaviorismo e a psicanálise. A terapia gestáltica apoiava-se filosoficamente no existencialismo e na fenomenologia, sistemas revolucionários e contra-culturais. Era considerada uma psicologia humanista junto com outras abordagens mais ou menos afins, que se diziam diferentes das duas correntes dominadoras do campo da psicologia até então. A ênfase na prática, na ação e a desvalorização do teorizar e do pensamento, parece ter sido uma forma polar de valorizar o que não vinha sendo devidamente enfatizado.

Os tempos mudaram e esta orientação não satisfaz mais, ser simplesmente anti-establishment não é suficiente. Procura-se agora um terreno mais sólido, o momento parece ser de integração, sistematização e reformulação. Tem havido um grande movimento no sentido de buscar bases mais firmes para a terapia gestáltica nos Estados Unidos e também aqui no Brasil.

A forma como Perls apresentou a Gestalt-terapia através de seminários, filmes, livros e *workshops*, para profissionais durante os últimos anos de sua vida, tornou-se amplamente conhecida como sendo a essência da terapia. Assim, a Gestalt-terapia foi sendo reduzida a uma modalidade puramente técnica. E foi com este enfoque que ela chegou ao Brasil.

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho partiu desta constatação. Despertou o interesse relativo a crença que subjaz à psicoterapia em sua questão primordial - o Ser Humano. Sem uma visão clara da concepção do homem, não se pode avaliar a coerência interna da teoria e a praxis.

Este trabalho objetiva averiguar as raízes filosóficas que alicerçam a teoria terapêutica da Gestalt, procurando relacioná-las com a prática em termos metodológicos e técnicos.

Apresenta inicialmente uma biografia de Fritz Perls, salientando as principais influências recebidas por este no decorrer de sua vida, que influenciaram no desenvolvimento de sua

obra. Enfatiza algumas influências de outras abordagens à Gestalt-terapia e refere-se precisamente à psicanálise, a análise de caráter de Reich, a fenomenologia, a filosofia existencial, a psicologia da Gestalt, a teoria organísmica de Kurt Goldstein e ao pensamento oriental.

Os pressupostos filosóficos são abordados objetivamente do clarificar a visão do homem dentro da perspectiva fenomenológica-existencial. Procura relacionar alguns conceitos centrais da fenomenologia e do existencialismo com a Gestalt-terapia, referindo-se ao pensamento de Kierkegaard, Brentano, Husserl, Scheler, Buber, Heidegger e Sartre.

A propósito de colaborar numa melhor compreensão da atitude terapêutica, introduz uma breve sistematização dos pressupostos teóricos básicos da Gestalt-terapia, buscando proporcionar uma visão mais clara da abordagem como um todo. Explicita alguns conceitos fundamentais, tais como: Gestalt, organização figura e fundo, princípio aqui e agora, contato, holismo, homeostase, *awareness*. Procura definir, ainda, o critério de saúde e doença, o trabalho com as resistências e o objetivo da terapia.

A atitude terapêutica é investigada tendo por base a visão do homem proposta pelos fundamentos filosóficos. Torna-se, assim, mais coerente falar da atitude terapêutica e das características essenciais desta atitude. A técnica cede lugar

ã experiência, que inclui terapeuta e cliente numa relação dialógica.

Finalizando, inclui algumas considerações críticas à Gestalt-terapia, na tentativa de abrir caminhos para novas reformulações em busca de uma melhor fundamentação e integração da abordagem. A Gestalt-terapia encontra-se em processo de mudança, requestionando seus pressupostos e sua linguagem conceitual. Procura tornar-se compatível com as novas descobertas que vem sendo feitas em outras áreas do conhecimento humano.

Em síntese, este trabalho se propõe a avaliar os procedimentos terapêuticos num referencial ideológico. Situa filosoficamente a Gestalt-terapia como uma abordagem fenomenológica existencial. Define seus métodos a partir de uma atitude fenomenológica, colocando ênfase na relação terapeuta-cliente.

GESTALT-TERAPIA: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

A Gestalt-Terapia é uma abordagem psicoterápica baseada originalmente no pensamento de Frederick Solomon Perls (1893 - 1970). A origem da Gestalt-Terapia está inserida na sua vida e é o resultado de suas vivências. Portanto, a história da sua formação pode ser considerada como a história de Perls. Um espírito inquieto e sempre em busca de mudanças.

Fritz nasceu em 8 de julho de 1893 num bairro judeu de Berlim. Seu pai, comerciante de vinhos, viajava muito, tornando-se cada vez mais distante física e afetivamente da família. Pertencia, junto com sua esposa, ao grupo de judeus alemães liberais e assimilados, preservavam algumas tradições religiosas, mas engajavam-se na vida socio-cultural alemã da época. Sua mãe nutria um especial interesse por teatro e ópera e influenciou o filho neste sentido. Desde criança Fritz mostrava uma grande motivação pelo teatro (55, p. 26).

Na puberdade foi considerado um menino difícil, inclusive sendo expulso do ginásio. Em sua auto-biografia se define como um menino problema e afirma: "1906 Bar Mitzvah, crise da puberdade. Sou um menino muito ruim e dou problema de sobra aos meus pais." (40, p. 80).

Aos 13 anos entra para uma escola liberal, onde encontra aceitação e estímulo para seu interesse pelo teatro. Aos

16 anos chega a fazer papéis como figurante no teatro de Berlim e conhece Max Reinhardt, que imprimia maior expressividade ao teatro, procurando o envolvimento total do ator no papel. Fritz aprende com ele a desenvolver sua capacidade de detectar sutilezas de entonação de voz e linguagem corporal, o que utiliza mais tarde em seu trabalho terapêutico.

Recupera-se quanto a escolaridade e, aos 21 anos estuda medicina na Universidade de Berlim quando irrompe a 1ª. Guerra Mundial. Considerado inapto para o serviço militar por motivos de saúde, apresenta-se como voluntário na Cruz Vermelha ficando em Berlim e continuando os estudos. Em 1916, vai para a Bélgica e passa nove meses como assistente médico nas trincheiras. Sente-se perseguido pelo anti-semitismo dos oficiais alemães e volta ferido, profundamente abalado e desiludido com a humanidade.

Em 1920 gradua-se em medicina e começa a trabalhar em neuropsiquiatria. Mantendo-se ligado a movimentos marginais associa-se ao grupo "Bauhaus", composto de artistas, arquitetos, poetas, filósofos, escritores, todos políticos radicais, dissidentes da ordem estabelecida. Neste ambiente, encontra o filósofo Sigmund Friedlander que o influencia profundamente com sua teoria sobre a indiferença criativa. Sobre Friedlander afirma:

"... Seu trabalho filosófico Creative Indifference (Indiferença Criativa) teve tremendo impacto sobre mim... (...) Friedlander trouxe um modo simples de orientação primária. Qualquer coisa se diferencia em opostos. Se somos capturados por uma dessas forças opostas, estamos numa cilada, ou pelo menos, desequilibrados. Se ficamos no nada do centro zero, estamos equilibrados e temos perspectiva." (40, p. 96)

"Zero é nulo, é nada. Um ponto de indiferença, o ponto a partir do qual nascem os opostos. Uma indiferença é automaticamente criativa logo que a diferenciação principia." (Idem, p. 99)

Faz análise com Karen Horney, que mais tarde o aconselha a sair de Berlim. Muda-se para Frankfurt em 1926, onde trabalha como assistente de Kurt Goldstein no Instituto de Soldados Portadores de Lesão Cerebral. Goldstein estudava as manifestações comportamentais de lesões cerebrais com base nas noções de psicologia da Gestalt de Wertheimer, Köhler e Koffka. Fritz foi muito influenciado por estas experiências com Goldstein.

Em 1930 casa-se com Laura Posner (1905-) alemã descendente também de família judia. Uma pessoa muito culta ligada a dança, a música, a literatura, a filosofia, formada em direito e introduzida na psicologia por Adhemar Gelb. Foi aluna de Goldstein, estudou com Paul Tillich e Martin Buber e sua dissertação de doutorado foi na área de psicologia da Gestalt. Psicanalista formada e atuante, influenciou muito a Gestalt-Terapia. Tiveram dois filhos.

Em Frankfurt, Perls sente-se atraído pelo pensamento existencial através de Martin Buber, Tillich e Scheler. No entanto, não deixa de se submeter à psicanálise e sua analista Clara Hopel o encaminha para Viena, onde inicia sua análise didática com Helene Deutsch, A. Hirshman e outros, e trabalha num hospital psiquiátrico dirigido por Paul Schilder. Em 1928, volta a Berlim e orientado por Karen Horney procura Wilhelm Reich para dar continuidade a sua análise.

Envolve-se em 1931 no movimento anti-nazista e quando a oposição falha, refugia-se em Amsterdam. Sem licença para trabalhar e sem recursos, a situação torna-se insustentável. Ernest Jones, que ajudou muitos psicanalistas refugiados, lhe indica uma possibilidade de se estabelecer como analista didata na África do Sul. Em 1935, em Johannesburg, cria o Instituto Sul-Africano de Psicanálise, e como ele e sua esposa são os únicos psicanalistas do país, têm um consultório muito procurado o que lhes proporciona um nível de vida e conforto até então desconhecidos.

Foi designado para dar uma palestra em 1936 num Congresso Internacional de Psicanálise na Tchecoslováquia e apresenta um trabalho sobre as resistências orais. Este foi profundamente desaprovado pelos psicanalistas que consideravam todas as resistências anais. Seu encontro com Freud foi bastante

frio, e, Perls que havia ido cheio de expectativas para este congresso volta decepcionado. A partir de então, começa a atacar a psicanálise, atitude esta observada em todos os seus escritos.

O manuscrito sobre as resistências orais torna-se o núcleo de seu primeiro livro, publicado em 1942, *Ego, Hunger and Aggression*. Laura teve uma participação importante neste livro, inclusive escrevendo dois capítulos. Procura reexaminar a teoria freudiana à luz das teorias e pesquisas que criticavam o associacionismo, baseados principalmente na teoria organísmica de Goldstein e na teoria da Gestalt. Muito do material escrito neste livro é posteriormente considerado obsoleto pelo próprio autor, como ele mesmo acrescenta em seu prefácio da edição de 1969.

Em 1942, serve como médico oficial na África ao lado dos aliados contra a Alemanha. Com o término da Segunda Guerra Mundial, prevendo o facismo Sul-africano da política de apartheid, resolve imigrar para o USA. Em New York se estabelece em 1946 como neo-psicanalista apoiado por analistas europeus como Karen Horney e Erich Fromm. O casal Perls indisputa-se com os psicanalistas tradicionais e associa-se a grupos intelectuais e artistas com uma postura política dissidente, tentando colocar-se contra a dicotomia pessoal e profissional buscando

a autenticidade. Uma das pessoas próximas era o americano Paul Goodman (1911 - 1972), crítico literário e anarquista, que os ajudou junto com Ralf Hefferline, professor de psicologia na Universidade de Columbia, a escrever o segundo livro. Goodman como escritor, procurou sistematizar a teoria baseado em anotações e conversas com Perls e Laura. Heffeline escreve a parte prática do livro que é a primeira parte. O livro foi publicado em 1951 com o título de Gestalt-Therapy. A escolha do nome foi bastante polêmica. Laura prevendo indisposições com os representantes da psicologia da Gestalt era contra. Hefferline sugeriu algo como Terapia Integrativa ou Experencial, mas Perls insistiu em Gestalt-terapia e foi o nome que ficou. Este é o livro considerado a bíblia dos gestalt-terapeutas, a melhor sistematização teórica escrita até hoje. Em 1952 Laura e Fritz fundam o "Gestalt Institute of New York".

Fritz passa a viajar pelos EUA para divulgar a nova terapia e deixa o Instituto de New York sob liderança de Goodman e Laura. Esses contatos deram origem aos institutos de Cleveland, Los Angeles e San Francisco. Neste período sofreu influência de Moreno (psicodrama), Charlotte Selven (conscientização corporal) e zen budismo através de seu amigo e colaborador Paul Weiss.

No período de 1962 em profundo questionamento, inclusive do seu papel de terapeuta, faz uma viagem ao redor do mundo ficando dois meses num mosteiro budista em Quioto, Japão, e um mês num Kibutz em Israel. Em 1964, se estabeleceu na

Califórnia, num centro de crescimento do potencial humano, (Esalen) onde durante cinco anos ensina Gestalt-terapia e grava a maioria de seus seminários em fitas, vídeos e filmes. Em 1969 publica seu terceiro livro Gestalt-therapy Verbatim, que é a transcrição de palestras, seminários e sessões terapêuticas desta época. Escreve também sua autobiografia In and Out the Garbage Pail.

Aos 76 anos muda-se para o Canadá para formar uma comunidade Gestáltica, motivado pela convicção de que uma experiência de vida comunitária supera a terapia. Funda o Gestalt-Institute of Canadá, onde passa os últimos meses da sua vida. Estava preparando um livro The Gestalt Approach of Therapy publicado postumamente em 1973 quando falece em Chicago em 14 de março de 1970.

O objetivo desta breve biografia foi ressaltar as principais influências sofridas por Perls no transcurso de sua vida. Faltou a Perls como teórico uma elaboração mais consistente de suas intuições, mas cabe-lhe o mérito de que com seu espírito inquieto, divulgou os principais tópicos que vêm sendo questionado nas ciências humanas e que fazem parte de sua bastante desorganizada obra: a Gestalt-terapia. Tópicos estes apresentados por Therese Thelegen em seu livro Gestalt e Grupos, como: uma concepção mente e corpo integradora, uma noção de configuração ou estrutura que compreenda a complexidade das interrelações de fatores biológicos e socio-culturais dos quais a experiência e o comportamento humano são resultantes; e um método de pensamento que se aproxima do dialético ao focalizar

interação e mudança enquanto processos contínuos de diferenciação, integração e rediferenciação de opostos. (55, p. 34)

PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS

A Gestalt-Terapia foi influenciada primordialmente pela psicanálise, a análise de caráter de Reich, a fenomenologia, a Psicologia da Gestalt, a teoria organísmica de Kurt Goldstein, a filosofia existencial e com certa reserva o zenbudoismo.

PSICANÁLISE

Perls desenvolveu seu pensamento tendo por base principal a psicanálise. Foi na tentativa de contribuir com a evolução desta, que começou a divergir e a criar um sistema diferente e novo. Nos seus escritos fez muitas críticas à psicanálise e tenta sempre situar seu pensamento tendo esta como parâmetro. No entanto, as críticas levantadas por ele, datam de uma época em que Freud estava reformulando seu pensamento. Atualmente já existem releituras da obra de Freud à luz do desenvolvimento atual na filosofia, linguística e na própria psicanálise, assim, muitas de suas afirmações sobre conceitos freudianos não se sustentam nos dias de hoje.

Perls começa a discutir a prática e a teoria psicanalítica, a partir de uma comunicação feita no Congresso Internacional de Psicanálise em 1936 sobre as "Resistências Orais". Este tema foi melhor desenvolvido em seu livro *Ego, Fome e Agressão*, onde coloca que a repressão da agressividade oral se manifesta através de resistências orais, como engolir inteiro sem mastigar, conceitos, opiniões, pessoas e situações. Isso significa usar energia agressiva para assimilar o que é nutritivo, em termos mentais e físicos, e dispensar o que seria tóxico. É o correlato psicológico do que ocorre no plano fisiológico da digestão, onde mastigar significa destruir para tornar assimilável pelo organismo o que é nutritivo, e dispensar o que não é.

A partir desta primeira discordância da psicanálise da época, outros pontos começam a se diferenciar. Perls valorizava o pensamento diferenciador em oposição ao princípio de causalidade, pondo em dúvida a lei de causa e efeito, que leva a uma procura unilateral das origens do comportamento, uma busca do porquê, de uma única causa (6, p. 30).

Perls se vale do conceito de campo da Gestalt Psicologia para opôr-se a visão associacionista da psicanálise. Propõe abordar a pessoa humana de uma forma holística buscando fugir da dicotomia conceitual corpo e mente. Contrapõe ao conceito de pulsão o de homeostase, onde o desequilíbrio orgânico é que desencadeia necessidades e pulsões. O conceito de libido de Freud é criticado no sentido que este superestimou a sexua-

lidade. Perls coloca que a fome e as funções do ego desempenham papéis mais fundamentais. É importante assinalar que Perls não utiliza o conceito de ego como "instância" psíquica da topologia freudiana e prefere conceituá-lo em termos de processos e funções relacionais.

Na psicoterapia, em termos práticos, privilegia a "concentração" sobre a associação livre, pedindo ao paciente que se concentre na percepção e fluxo de consciência da Gestalt expressiva, no aqui e agora da situação terapêutica. Desta forma, as situações inacabadas do passado vêm à tona, pois ao invés de interpretar pede ao paciente que se de conta das interrupções, buscando o "como" estas situações se manifestam no presente. Objetiva reelaborar estas situações com toda a carga emocional que as encerram, buscando torná-las de repetição neurótica em recordação. A resistência se manifesta nestas interrupções, mas Fritz não privilegia desfazê-las, e sim, colocá-las em foco, porque a energia ali contida tem um sentido e um significado que precisam ser integrados.

Perls trouxe de Freud a preferência pelo sonho como forma de expressão genuína e espontânea. Trabalhava com este, considerando todos os seus aspectos como partes da personalidade do sonhador que precisam ser integrados. Em geral trabalhava com eles psicodramaticamente, pedindo ao indivíduo que se identificasse com cada parte do sonho.

No entanto, o que mais distingue Perls de Freud é a visão do homem e do mundo. A visão gestáltica é uma visão humanística, existencial e fenomenológica e a freudiana é uma visão mecanicista, biológica e psicodinâmica.

Perls afirma, inclusive, que se sente grato à psicanálise pelo tanto que evoluiu colocando-se contra Freud (40 , p. 61).

ANALISE DE CARATER DE REICH

Perls foi bastante influenciado pela primeira fase de Reich, onde identificava resistências psíquicas em termos de "couraça muscular", reconhecendo-as nas suas manifestações corporais. E assinala:

"Wilhelm Reich foi o primeiro a chamar minha atenção para um aspecto extremamente importante da medicina psicossomática: a função da musculatura como couraça." (40, p. 65)

No entanto, Perls não utiliza o termo couraça, prefere sempre uma linguagem que indique processos e funções. Desenvolve o conceito de retroflexão para designar a retenção de um impulso para a ação pela contração muscular na direção oposta. Perls não busca a quebra das defesas corporais como Reich propunha, e sim, uma integração destas.

Perls concorda com a observação de Reich na qual a forma da comunicação revela melhor a dinâmica conflitual do que o conteúdo. Sustentam a convicção que as lembranças devem vir acompanhadas dos afetos. Entretanto, Perls discorda de Reich quando este considera o foco da terapia o restabelecimento da função orgástica, e formula a noção de saúde em termos de auto-regulação, qualidade de contato e ajustamento criativo.

A PSICOLOGIA DA GESTALT E A TEORIA ORGANÍSMICA DE GOLDSTEIN

A influência da psicologia da Gestalt na Gestalt-terapia se faz sentir não só através de Perls, que embora conhecesse a obra de Wertheimer, Kohler, Kofka e Lewin, teve um contato mais direto com Goldstein, mas também através de Laura Perls que era formada nesta linha. Desvinculando a Gestalt-Terapia de Perls e incluindo o pensamento desta e de outros colaboradores, como Paul Goodman, Isadora From, e etc..., pode-se tentar fundamentar melhor os conceitos da Gestalt-terapia. Gary Yontef em palestra proferida em agosto de 1981 num simpósio patrocinado pela Society for Gestalt Theory na conferência do Conselho Internacional de Psicólogos, sob o título: "Gestalt - Terapia; Passado, Presente e Futuro" (subtítulo: "Gestalt-Terapia: um descendente legítimo de Psicologia da Gestalt?"). Procura apontar alguns pontos comuns entre a Gestalt-Terapia e a Psicologia de Gestalt.

"A abordagem Gestáltica de ambos os movimentos da

gestalt é uma forma de teoria de campo fenomenológica." (67).

Em seu cerne está um método de exploração que se baseia em confiar na experiência ingênua e imediata. Inclui todos os dados da experiência, objetivos e subjetivos, e, procura penetrar nas interrelações funcionais que formam a estrutura intrínseca do todo de qualquer situação sob investigação.

"A Gestalt-Terapia difere em muitos aspectos da Psicologia da Gestalt não por causa de uma diferença de filosofia ou método, mas devido a contextos diferentes. A mesma figura tem significados diferentes em função do fundo (contexto). O contexto clínico tem exigências diferentes daquele de um psicólogo acadêmico que faz pesquisa básica... Tanto a Psicologia da Gestalt, quanto a Gestalt - Terapia, procuram penetrar nas forças que fornecem a estrutura inerente da situação, processo ou evento sob investigação. Ambas incluem todos os tipos de dados, da maneira como são experienciados e inseridos de forma significativa na situação contemporânea."
(67)

"A abordagem de campo da gestalt é fenomenológica" (Yontef 1969) pois investiga os fenômenos e seu método é descritivo, descreve "o que" e o "como" (estrutura e função). Investiga o campo como é experienciado por uma pessoa no momento.

Os gestaltistas colocaram-se criticamente frente à doutrina elementarista-associacionista, mostrando que a percepção não é uma composição de sensações separadas. A percepção mostra um caráter de totalidade, uma forma, uma gestalt, a qual é destruída na tentativa de ser analisada. "O todo é maior que

a soma das partes". (17, p. 291), quer dizer, o todo é um campo que determina as suas partes.

Detendo-se na experiência imediata, ao mundo como é visto na percepção comum, descobriram alguns princípios gerais da percepção:

- 1- o indivíduo não vê conjuntos de sensações, mas sim totalidades unificadas.
- 2- as totalidades são isoladas e separadas de um fundo.
- 3- princípio de completação – lei da pregnância ou boa forma – reação psicológica de tornar as formas mais exatas e bem definidas.
- 4- figura e fundo – a figura parece mais sólida, se destaca – o fundo é apenas o espaço vazio.

"Ha uma tendência para a experiência ser formada; e para os componentes formarem grupos; para as figuras incompletas serem completadas e tornadas mais definidas e exatas; e para o campo total ser organizado - em figura e fundo." (Idem, 300-303).

É como se o processo estivesse em andamento em busca de um estado de equilíbrio.

Os gestaltistas mostraram, assim, que a experiência é estruturada em vez de fragmentada. Percebemos em termos de todos segregados - uma figura que se destaca de um fundo. Todo

evento tem tanto ordem como significado, e é percebido como tal. Forças múltiplas em interrelação funcional umas com as outras e com o todo, constituem o campo. Estas forças formam uma estrutura que não é só mecânica, mas dinâmica e inerente ao campo. Há uma unidade interna; e para um todo ser significativo suas partes têm que estar em dependência mútua. A energia é um aspecto do campo total e uma mudança em qualquer parte de um campo, "ondula" através do campo e o afeta. O princípio de pregnância, por exemplo, sustenta que o campo forma a si próprio de maneira tão sistemática quanto possível, isto é, com tanta nitidez e clareza, desígnio e economia, estabilidade e força quanto as condições globais o permitirem. (67)

A abordagem fenomenológica baseia-se na intencionalidade - a *awareness* é sempre *awareness* de alguma coisa, Há uma correlação intencional entre o perceber e o percebido.

"A Gestalt-Terapia deslocou o método gestáltico para uma orientação existencial. A psicologia da Gestalt é em grande parte uma psicologia de conteúdos. A Gestalt-Terapia orienta-se tanto para a ação quanto para o conteúdo. Numa ação a atenção da psicologia desloca-se para a pessoa que percebe a experiência. O interesse desloca-se no modo existencial para a estrutura de abertura da pessoa à correlação intencional, isto é, para a pessoa e como ela vai ao encontro do mundo." (67, p. 12)

Desloca a ênfase da essência para a existência, diferindo dos psicólogos gestaltistas que colocavam ênfase na percepção e cognição.

Uma das principais contribuições da Psicologia da Gestalt à Gestalt-terapia é a Teoria de Campo, que fornece conceitos específicos como figura e fundo, situação inacabada, e introduz uma fundamentação conceitual básica. Esclarece conceitos como "o quê", "processo", "polaridade versus dicotomia", "agora", "função e estrutura". (66, p. 8)

Essa noção de estrutura do todo é central na Gestalt-terapia, onde o objetivo é o insight, a clareza estrutural. A *awareness* na terapia visa o insight e deixa que o déficit real determine sobre que variáveis se concentrar.

O campo sob investigação é definido pela experiência de algum observador. Ao escolher o tópico sob investigação, o indivíduo define o assunto e, dentro deste campo a exploração procede na base do que é experienciado. A *awareness* imediata é utilizada para se obter uma compreensão da estrutura básica do campo. A *awareness* é o objetivo da terapia. A *awareness* plena de insight é sempre uma nova gestalt e é em si mesma curativa.

A ênfase no presente na Gestalt-terapia é uma influência direta na psicologia da gestalt. A teoria de campo fenomenológica localiza a experiência daquele que percebe no tempo e no espaço-aqui e agora. O processo de estar *Aware* sempre se dá no aqui e agora, embora o objeto de *awareness* possa estar lá ou não.

Goldstein amplia as descobertas dos Gestaltistas para o comportamento em geral e para uma teoria da personalidade, onde liga a noção de figura e fundo ao processo motivacional e comportamental, pelo qual o organismo seleciona no meio aquilo que necessita para sua conservação. Distingue assim duas dimensões: 1) os sistemas internos de compreensão fisiológica, funcionando organismicamente, como um todo inter-relacionado no sentido de restabelecer o equilíbrio através de homeostase; 2) os sistemas de contato, sensoriais e motores, pelos quais o organismo obtém do meio o que precisa para atender às suas necessidades vitais. Assim, o mundo não é para o organismo um mundo de leis físicas e químicas, mas um mundo de sinais e significados. Em circunstâncias adversas o organismo desenvolve mecanismos adaptativos. (55, p. 37-40)

FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO

A Gestalt-Terapia é uma abordagem fenomenológica - existencial. Baseia-se numa concepção existencial do Humano valorizando o homem em relação, no seu tempo e espaço, na escolha e responsabilidade pela sua existência, sem escamotear a dor, a contradição, o impasse, a angústia, o vazio, a morte, na sua busca de se encontrar e se transcender.

Como forma de apreensão da realidade, com as devidas adaptações no sentido da existência, baseia-se no método fenomenológico.

A influência da fenomenologia e da filosofia existencial serão melhor desenvolvidas posteriormente neste trabalho. No momento, faz-se necessário apenas lembrar a importância de se compreender a fenomenologia e o existencialismo como os alicerces da Gestalt-terapia, pois deles deriva sua visão do homem e seu método de investigação.

FILOSOFIA ORIENTAL

O pensamento de Perls mostra alguns pontos em comum com o pensamento oriental. Considera a Gestalt-Terapia como uma arte e uma filosofia de vida, no sentido de integrar o racional, o emocional e a ação.

A postura de colocar o indivíduo de volta para si mesmo, no sentido da integração da pessoa na sua totalidade é uma marca contínua na Gestalt e no Zen budismo. Perls reconhece o valor do Zen enquanto o aumento da tomada de consciência e liberação do potencial humano. Quanto ao método Zen guarda reservas, na medida deste não ser centrado nas polaridades de contato e retraimento.

No zen-budismo, Fritz encontrou pontos em comum com a visão de Friedländer sobre a indiferença criativa. Considera desenvolvimento e mudança como processos dialéticos de diferenciação em opostos, que são dimensões do mesmo fenômeno. Ao fi-

car no centro, ponto zero ou indiferente, o observador consegue a visão mais ampla possível do evento. O ponto zero é o ponto do vazio de acordo com o taoísmo, é o momento que antecede a criação.

O pensamento Oriental enfatiza o paradoxo de que uma pessoa cresce tornando-se cada vez mais o que é e não tentando ser diferente.

"Perls (1973) dizia que o homem transcende a si mesmo somente através de sua real natureza. Eu não posso ser diferente daquilo que minha natureza é, de modo que tentar fazer-me diferente daquilo que sou é estar fadado ao fracasso, assim como uma perseguição é uma violação da minha integridade. Eu sou o que eu sou e o melhor para mim é ser plenamente do modo que eu posso ser. Isto significa que eu não posso decidir o que eu devo ser, nem me moldar em uma determinada direção sem me perder a mim mesmo. O que eu devo fazer é conhecer minha natureza e permitir que esta natureza flua, descubra, seja. Tal segredo com relação à natureza é central para o taoísmo e zen e foi incorporado ao pensamento dos psicólogos humanistas."
(45, p. 126)

De uma forma geral pode-se observar alguns pontos em comum entre as religiões orientais e a Gestalt-terapia como por exemplo: a vivência de consciência do aqui e agora; a visão do sentido de polaridades; ênfase num contínuo processo de crescimento; necessidade de autoconfiança e auto-realização ; mudar é tornar-se o que já é; o árido é fértil; o caos prenuncia uma nova ordenação; permanecendo no vazio encontra-se o pleno. (Idem, p. 131)

PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS

A proposta desta reflexão epistemológica das bases filosóficas da Gestalt-terapia, é situá-la em relação a sua visão do homem. Esta é uma tentativa de elucidar a crença que subjaz a praxis terapêutica tendo por base as suas raízes filosóficas.

Procura apresentar os principais conceitos que elucidam a concepção do homem e o modo como abordá-lo dentro da psicologia. Para tanto, limita-se expor os aspectos mais centrais e comuns da fenomenologia e existencialismo, relacionando-os à Gestalt-terapia. As considerações aqui levantadas, não têm por objetivo fazer uma exaustiva discussão sobre o assunto, que é por demais complexo e diverso, mas apontar direções que se façam refletir sobre a impossibilidade de apreensão a nível conceitual do objeto de estudo da psicologia - o homem. Os conceitos e autores aqui apontados, foram selecionados a partir de um critério pessoal, reconhecendo-se que existem muitos outros caminhos para levar esta reflexão adiante.

Perls escreve: "... a Gestalt-Terapia é uma das forças rebeldes e existenciais da psicologia... é integralmente ontológica..." (39, p. 19)

A imagem do ser humano pressuposta na Gestalt-terapia, apoia-se numa visão existencial, onde a existência concre

ta do indivíduo só pode ser avaliada a partir de sua singularidade. Esta concepção remonta a Søren Kierkegaard (1813-1855), pensador dinamarquês do primeiro quinquênio do século XIX, do qual o pensamento existencialista deriva sua temática. (9, p. 44)

A existência humana, na visão de Kierkegaard não pode ser explicada através de conceitos e esquemas abstratos. Um sistema não tem condições de abarcar a realidade. O sistema é abstrato, a realidade é concreta. A única realidade que o indivíduo pode conhecer é a sua própria realidade. Só a realidade singular pode ser apreendida pelo sujeito. O universal é a abstração do singular. Só podemos nos apropriar da realidade subjetivamente. (33, p. 21)

"O homem é singular... apenas ele tem consciência de sua singularidade. Portanto, o homem é a categoria central da existência. A existência individual, assim o concebe Kierkegaard, é para ser vivida... Kierkegaard exalta o concreto, o singular, o homem em quanto subjetividade". (Idem, p. 28)

O pensamento deve ser centrado no indivíduo buscando compreender concretamente o abstrato, e aprendê-lo em sua singularidade, em sua manifestação subjetiva. Todo conhecimento deve ligar-se à existência, à subjetividade, e não ao abstrato, ao racional, como preconizava Hegel, pois se assim proceder, fracassará no intento de penetrar no sentido profundo das coisas, logo, de atingir a verdade. (Idem, p. 19)

"A própria verdade, em vez de representar uma simples equação entre ser e pensar, torna-se sinônimo de subjetividade, o que quer dizer que a verdade deve significar um compromisso pessoal do Indivíduo, já que esta tem raízes na existência concreta e integrada de cada Indivíduo particular. (14, p. 7)

A Gestalt-Terapia se propõe a ver o homem como um ser particularizado, singular, concebendo-se como único no universo e individualizando-se a partir de sua relação com o mundo.

Esta concepção contrapõe-se à visão clássica do mundo natural pré-existente, independente de ser ou não apreendido pelo sujeito. Franz Brentano (1838-1917) sustentava que a psicologia podia ser uma ciência humana empírica, sem seguir os ditames das ciências naturais experimentais. Popularizou o conceito de intencionalidade da consciência, que atribuía intencionalidade aos fenômenos psíquicos, distinguindo-os assim dos físicos. (4, p. 43)

"Logo definimos los fenómenos psíquicos como representaciones, y como fenómenos que descansen sobre las representaciones, que los siervem de fundamento; todos los demás fenómenos pertencem a los fenómenos físicos." (Idem, p. 42)

O elemento novo da sua concepção estava na ênfase atribuída à forma de contato, consciência-mundo, ou seja, ao processo de aquisição de conhecimento. A consciência adquiriu um "direcionamento para", dado pelo sujeito, passando a ter um

caráter de ato intencional. Deixou de ser considerado apenas um local ou depósito de informações. Do ponto de vista do sujeito, fala-se agora de consciência de mundo. O sujeito passa a ser responsável pela constituição do mundo para sua consciência, na medida de sua intencionalidade, modulada por sua curiosidade, seus interesses, seus recursos, valores, preconceitos, etc..

Esta distinção entre fenômenos físicos e psíquicos torna possível elucidar a realidade pesquisada pela psicologia (4, p. 45), cabendo a esta, trabalhar com os fenômenos como são percebidos pelo sujeito. A relação do sujeito com o mundo se processa em consonância com sua atual consciência de mundo, tenha ela ou não correspondência com uma verdade absoluta ou alheia acerca deste. Faz sentido então falar de verdade como verdade para um sujeito. Esta concepção da verdade é adotada pela abordagem gestáltica.

Para Brentano a psicologia era o estudo dos processos conscientes nos quais o "ato" e não o conteúdo da experiência, era central. A Gestalt-terapia quando evidencia o "como" o indivíduo experiencia determinada situação em detrimento do "porquê", compartilha desta visão proposta por Brentano.

Se a psicologia busca apreender os fenômenos psíquicos, o que vem a ser um fenômeno? Este conceito é central dentro da filosofia desenvolvida por Husserl. A definição de fenômeno está ligado à sua origem etimológica; aquilo que se

mostra por si mesmo; aquilo que se manifesta. Propondo um retorno "às coisas mesmas", Husserl apoia-se na concepção de Brentano de intencionalidade da consciência e levanta a questão: como pensar segundo a natureza do fenômeno e suas nuances para desvendar os dados da experiência em sua totalidade? Se os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos, eles se dão sempre com a possibilidade da inteligibilidade. Husserl, referindo-se à possibilidade do conhecimento, escreve:

"O conhecimento é, em todas as suas configurações uma vivência psíquica: é conhecimento do sujeito que conhece. Perante ele estão os objetos do conhecimento. Mas, como pode o conhecimento estar certo da sua consonância com os objetos conhecidos, como pode ir além de si e atingir fidedignamente os objetos? O dado dos objetos cognitivos no conhecimento, óbvio no pensamento natural, torna-se um enigma." (21, p. 42)

E continua:

"O conhecimento é, pois, apenas conhecimento humano, ligado às formas intelectuais humanas, incapaz de atingir a natureza própria das coisas, as coisas em si." (Idem, p. 44)

De acordo com o princípio de intencionalidade, a consciência é sempre "consciência de alguma coisa", ela só é consciência estando dirigida para um objeto. Por sua vez o objeto só pode ser definido em sua relação com a consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito. (8, p. 24)

O sentido de um fenômeno lhe é inerente, todo fenômeno tem uma essência que torna possível identificá-lo. Essa essência é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes de sua realização. Assim, a ciência eidética de Husserl, utiliza a fenomenologia para elucidar esse "puro reino das essências". (27, p. 18)

Mas essências, não tem essência alguma fora do ato de consciência que as visa e do modo sobre o qual ela os prende na intuição. (22, p. 17) Eis porque a fenomenologia, em vez de ser a contemplação de um universo estático das essências eternas, torna-se uma análise do dinamismo do espírito, que dá aos objetos do mundo seu sentido. A análise intencional parte das coisas mesmas, da vivência original. (24, p. 69) Se o objeto é sempre objeto para a consciência, ele não será jamais objeto em si, mas objeto percebido, objeto pensado, memorado, etc.. A análise intencional nos obriga a perceber a relação entre consciência e objeto, não como duas entidades separadas na natureza. Sujeito e objeto não são concebíveis fora da correlação consciência-objeto: consciência é sempre "consciência de alguma coisa" e objeto é sempre "objeto para a consciência", já que fora dela não haveria nem consciência nem objeto. (8, p.25)

A correlação sujeito-objeto só se dá na intuição originária da vivência da consciência. O estudo dessa correlação consistirá numa análise descritiva do campo da consciência. A análise intencional conduz, então, à redução fenomenológica, ou a colocação entre parênteses da realidade tal como a conce-

be o senso comum. A atitude fenomenológica implica numa consciência transcendental, isto é, a consciência suspende sua crença no mundo exterior (epoquê), e se coloca, ela mesma, como condição de aparição deste mundo e doadora de seu sentido. Assim, a tarefa da fenomenologia será analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos. (Idem, p. 26)

"A fenomenologia é uma meditação acerca do conhecimento, um conhecimento do conhecimento, no qual o 'pôr entre parênteses' consiste, em primeiro lugar, em dispensar uma cultura, uma história e em refazer todo o saber, elevando-se a um não saber radical. Seu ponto de partida são os dados imediatos da consciência, sem a priori, levando a seu estilo interrogativo, a seu radicalismo, a seu inacabamento essencial." (27, p. 9)

O método fenomenológico constitui-se, assim, de uma tríade de categorias: ir "às coisas mesmas", intencionalidade da consciência e redução fenomenológica (a epoquê). Nenhuma delas subsiste ou prescinde de qualquer das duas restantes, constituindo-se numa unidade postural daquele que interage com o fenômeno.

Voltar "às coisas mesmas" começa com uma observação empírica, direta, no campo total de observação, dirigida para o campo total dos fenômenos experienciais possíveis. Procura ver as coisas de uma forma particularmente aberta. Significa um olhar atento para o fenômeno quando ele se mostra e como ele se mostra.

Olhar fenomenologicamente significa um olhar meditativo que precede qualquer classificação, suspende qualquer julgamento, abandona qualquer pressuposto, faz uma redução fenomenológica.

A fenomenologia (phenomenon+logos) é um discurso sobre aquilo que se mostra como é (28, p. 83), sendo assim, os objetos se apresentam dentro dos limites da percepção do momento, isto é, dentro da experiência. Propõe, então, uma descrição do que se dá, do fenômeno, e não uma explicação. Inclui todos os dados da experiência e suspende todos os julgamentos.

De acordo com Husserl, esses princípios especificam o campo inicial da investigação fenomenológica. O segundo nível da investigação, constituiu-se numa busca das essências, isto é, dos invariantes dentro dos fenômenos.

A concepção de verdade como sendo algo externo, próprio das coisas e pré-existente à consciência, levou Husserl a pôr em questão o próprio conhecimento, não para construir uma teoria a seu respeito, mas para fundar mais radicalmente o saber eidético radical. (27, p. 22)

"A lógica transcendental husserliana denuncia a parcialidade daquilo que se define conceitualmente pela abstração e chama a atenção por sua relatividade enquanto é, de fato, um ponto de vista sobre a realidade e não a realidade, denuncia também toda prática que se articula por esta parcialidade. Ao mesmo tempo, mantém a atitude de rigor que permite à realidade aparecer cada vez mais profundamente." (61, p. 56)

Buscou, então, um método que fosse absolutamente rigoroso para que pudesse ser aceito sem contestação pelo pensamento positivista de sua época.

Mas Husserl era um racionalista e sua definição de consciência baseava-se numa concepção racional. Seu objetivo era o de tornar a filosofia uma ciência, buscando para isso o caminho do rigor, da precisão e da objetividade.

"O objetivo primeiro da redução fenomenológica é ... mostrar a necessidade de um elemento puro que possa servir de ponto de partida para um pensamento radical, um fundamento absoluto do conhecimento, a saber: o cogito..." (28, p. 63)

"A Gestalt-Terapia é uma abordagem fenomenológica." (66)

O pensamento de Husserl se faz sentir na Gestalt-Terapia enquanto descreve a fenomenologia como uma busca da compreensão do fenômeno. Voltando "às coisas mesmas", como se revelam aos sentidos, o gestalterapeuta, fica com o que aparece, com o que se mostra do cliente. Quando Perls refere-se a ficar com o "óbvio", com o que se apresenta na superfície, está voltando "as coisas mesmas".

A redução fenomenológica enquanto a suspensão, o "colocar entre parênteses" qualquer a priori, qualquer conhecimento anterior ao objeto que se dá à consciência, mostra-se na Gestalt-terapia como o acompanhar do fluxo de consciência do cliente de momento a momento, procurando apreender a estrutura desse fluxo como fenômeno.

O psicoterapeuta, ao trabalhar com "o quê" e "o como", está indo além das aparências e procurando um contato direto com o fenômeno. Ficando com as manifestações do cliente, procura apreender a essência através de um contato direto, com o ser do fenômeno no seu desvelar-se.

A contribuição de Husserl, se faz sentir na Gestalt-Terapia enquanto uma epistemologia do conhecimento, na qual para se apreender o fenômeno que se apresenta é necessário o despojamento de todo saber anterior apreendendo-o na intuição originária, onde poder-se-á, então, encontrar o seu sentido. O psicoterapeuta gestaltista procura penetrar no referencial do cliente para com ele desvendar sua intenção, seus valores e sua forma de ser, colocando-se como um acompanhante do desvelamento da consciência deste.

No entanto, não é objetivo da terapia captar a essência do EU PURO como Husserl, através do método fenomenológico, propunha. A influência deste se faz sentir, em primeiro lugar, como a possibilidade de um método de aproximação com a realidade, como é apreendida pelo sujeito. A verdade passa a ser, assim, uma verdade relativa, dependente da situação, de como o indivíduo a percebe e a capta em sua consciência.

É importante grifar que a fenomenologia que se usa efetivamente na Gestalt-terapia como meio de compreender o homem, não é a fenomenologia Husserliana é a fenomenologia Heideg

geriana, que inverte o sentido da busca na compreensão dos fenômenos. Ao invés de dirigir a intenção às descobertas das essências, dirige-se ao terreno da existência, da subjetividade humana. Oportunamente no decorrer deste trabalho, situar-se-á o pensamento de Martin Heidegger.

Max Scheler (1874-1928) inspirou-se no método de Husserl e aplicou a fenomenologia à afetividade. (14, p. 137) A intencionalidade da consciência passa para a intencionalidade do coração, cuja visada não é mais significação, e sim preferência.

"... o coração experimenta também os valores, percebe sua hierarquia e pode, pois, orientar-se em sua direção pela preferência que é um sentimento." (8, p. 140)

Estabelece, assim, uma fenomenologia dos valores, elevando o emocional ao mesmo nível do racional e inserindo no mundo natural o mundo dos valores.

"... a consciência moral que é sempre individual me fará discernir não o bem em geral, mas o que é 'bom para mim', o que deve realizar a essência singular de minha pessoa que não é a de outrem..." (Idem, p. 144)

No entanto, o pensamento de Scheler é um ontologismo da essência. A irrealidade dos fenômenos é mantida e a intuição da qual eles são objetos é uma intuição não sensível e baseada na ética. (14, p. 152)

De qualquer forma a visão de Scheler é uma tentativa de ampliar o conceito de consciência, incluindo não só o racional mas também os sentimentos. O conceito de *awareness* em Gestalt-terapia aponta também nesta direção.

Awareness é um termo que não encontra equivalente no português. Aproxima-se de conscientização, sendo esta não apenas intelectual, mas orgânica, onde sentimento, pensamento e ação, produzem juntos um estar *aware* que significa um estar "ligado", inteiro numa situação. Scheler, de alguma forma, procurou ampliar este conceito de consciência.

Outro filósofo que busca compreender o homem a partir de sua relação com o mundo é Martin Buber (1878-1965).

"O mundo é duplo para o homem segundo a dualidade de sua atitude." (5, p. 9)

De acordo com Buber, duas atitudes fundamentam a existência do homem. A atitude baseada na palavra princípio EU-TU e a atitude baseada na palavra princípio EU-ISSO. Cada vez que se pronuncia a palavra EU uma dessas atitudes está implícita. O domínio do Isso é o âmbito dos verbos transitivos, atividades que tem algo por objeto, eu percebo alguma coisa, eu sinto alguma coisa. Aquele que diz TU, não tem coisa alguma por objeto, o TU não se confina em nada, ele permanece em relação. (5, p. 3-6)

"O homem se torna EU na relação com o TU." (Idem , p. 38).

"No evento primordial da relação ele profere a palavra princípio EU-TU de um modo natural, anterior a qualquer forma, sem ter-se conhecido como EU, enquanto a palavra princípio EU-ISSO, torna-se possível através desse conhecimento, através da separação do EU." (Idem, p. 25)

O diálogo (a relação dialógica) é um encontro que acontece entre EU e TU, a partir da qual me identifico como EU e te identifico como TU. A relação dialógica requer uma atitude pré-reflexiva (não-conceitual) entre o homem e o ente que se lhe apresenta.

A atitude EU-TU é um ato essencial do homem, uma atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. (5)

Para Buber a filosofia e o filosofar são atos de abstração e nos separam da concretude da existência vivida.

A concepção de Buber torna-se fundamental para a compreensão da atitude terapêutica na Gestalt-Terapia, principalmente quando Perls refere-se ao terapeuta como seu próprio instrumento. Põe ênfase, assim, na relação terapeuta-cliente como confirmatória da existência do outro. A verdadeira revelação dá-se no encontro genuíno, na medida em que o terapeuta tenta compreender seu cliente, incluindo-se no referencial deste e ao mesmo tempo mantendo-se centrado em si próprio. É neste

movimento de vaivém que acontece o encontro.

Considerando o homem um ser inter-relacional e dialógico por natureza, muda o paradigma de um modelo individualizado para o domínio do "ENTRE". O terapeuta assume a função de organizar o diálogo e de confirmar a existência do outro, sem ter nenhuma certeza pressuposta, apreendendo-o como um ser único.

Para a concepção do homem, Buber contribuiu acrescentando a importância da relação no sentido de confirmar a existência. O homem é um ser relacional que precisa ser confirmado pelo outro.

A pessoa clama por reconhecimento, enquanto pessoa singular, única, que existe e que é reconhecida como uma individualidade separada e ainda, assim, como um parceiro humano.

A condição humana segundo Buber, é tanto para ser revelada quanto oculta, coloca, assim, a impossibilidade de apreensão total do ser. (5, p. 34)

Este reconhecimento dá ao terapeuta um grau de humildade de render-se diante da existência quando esta revela-se à sua frente.

"Nós não existe, mas é composto de Eu e TU; é uma fronteira sempre móvel onde duas pessoas se encontram. E quando há encontro, então eu me transformo e você também se transforma." (39, p. 9)

Para compreendermos o método fenomenológico, a que faz uso a Gestalt-terapia, torna-se necessário fazer referência a Martin Heidegger (1889 - 1976), filósofo alemão, bastante controverso devido a sua filiação ao nazismo e pela forma insólita como desenvolveu suas idéias. Embora seja considerado o pai do existencialismo, opõe-se a esta classificação. Propõe sua doutrina como Analítica Existencial, na medida em que não se interessa por fazer uma análise do homem particular, individual e concreto como na corrente existencialista. É antes interessado em discutir o Ser e estabelecer uma ontologia geral, buscando seu sentido. (33, p. 33)

A compreensão do Ser, remete à uma compreensão ontológica na existência, na análise da existência imediata. Consta o idealismo transcendental de Husserl enquanto a possibilidade da atividade fundadora de um EU absoluto, e orienta a sua reflexão no sentido da apreensão compreensiva dos atos da vida factual. (8, p. 123)

"A ruptura com Husserl é nítida: para Heidegger, a fenomenologia não é uma ciência rigorosa, o que seria ainda uma forma de aceitar os pressupostos da filosofia metafísica, mas para usar a sua terminologia, uma 'possibilidade'. A possibilidade é o modo de ser próprio do existente quando descobriu o nada como fundamento da existência e repete seu ser factual na decisão de assumir esse nada íntimo." (60, p. 14)

Heidegger substitui a análise das operações transcendentais da constituição, pela compreensão das existências .

Propõe uma fenomenologia descritiva de facticidade e a orientação dessa mesma facticidade para o sentido ontológico, que anuncia o ser no mundo e o designa como o lugar do desenvolvimento da questão ontológica. (Idem, p. 16)

Heidegger não busca uma teoria da essência do ser, mas procura saber qual o sentido desse ser cuja apreensão é pressuposta na ontologia. Seu ponto de partida é a constatação de que o homem, na medida em que é o ser para quem a presença é problema, põe a questão ontológica. A este ser dá o nome de Dasein - Da (significa aí) Sein (significa ser), é o ser aí, o ser da presença; é o homem aí, onde o ser coloca-se como questão.

Como a essência do Dasein está na existência, (18 , p. 48) só é possível reconhecê-la, apontá-la e desvendá-la no interior do Ser, este Ser, o Humano. Para isso introduz-se à análise algumas questões da existência.

Por existência, compreende a emergência ao ser que o homem descobre antes de toda definição de si próprio, antes de todo pensamento e linguagem. É a interrogação que o homem traz a si antes de formulá-la, porque ele é esta interrogação. Nesse sentido, o homem é o único ente que é e que existe, os outros entes são. (8, p. 124) É o único ser que tem consciência de sua existência e se interroga sobre si mesmo, condição esta, que lhe possibilita escolher os possíveis da existência, seu sentido, sua própria verdade.

"O Dasein se compreende sempre a partir da sua existência, isto é, a partir da sua possibilidade de ser ele próprio". (8, p. 125)

Segundo Heidegger, o homem autêntico é aquele que reconhece a radical dualidade entre o humano e o não humano. Desconhecê-la é cair na inautenticidade.

A fenomenologia passa, assim, a não se contentar em ser a descrição do que se dá ao olhar, mas sim uma interrogação do dado que aparece, como um texto a compreender.

O ser existe (adquire significado) a partir da sua relação com o mundo.

"Trata-se pois de fazer ver que o mundo em que o homem como sujeito está envolvido é radicalmente humano, de modo a ser impossível falar de um mundo sem homem." (26, p. 63)

O Dasein não é um objeto no meio do mundo, nem um sujeito sem mundo, ele "é" seu mundo. O Dasein tem uma pré-compreensão deste ser-no-mundo que se manifesta como sentimento da situação, que ligado a compreensão de ser lançado neste mundo, lhe dá a possibilidade da autenticidade. O ser inautêntico é a existência que se deixa levar no correr do tempo e deixa de atingir sua própria verdade. Heidegger chama a essa dimensão que caracteriza a existência inautêntica de decaimento.

Só existe um único meio de passar da não-autenticidade para a autenticidade ou, se se quiser, do estado do não-ser para o estado do ser, tal meio é o sentimento da angústia que inevitavelmente se dá na existência.

"O cuidado é sempre o ser no mundo, mas captado agora na unidade de seus três momentos - sentimento da situação, compreensão, decaimento - quando constituem o sentido do Dasein. Ora essa captação não se efetua de início num ato de pensamento, mas numa experiência vivida, a de angústia. A angústia é o recurso pelo qual a existência pode compreender a si própria, o revelador de seu sentido e, com isso, também o do sentido do Ser." (8, p. 128)

A analítica existencial suscita à análise da existência vivida buscando o núcleo de significações existenciais, (Significar - ter valor de signo p/um sentido) que se dá na temporalidade. Pelo retomar do factual o Dasein compreende os possíveis da existência e nela se reencontra. (60, p. 17)

"A verdade não é a adequação de um conjunto de signos à essência da coisa visada, através de seu encadeamento; ela é a abertura da existência ao sentido do ser." (Idem, p. 21)

Sair de inautenticidade e regressar à existência autêntica é apreender a existência como uma totalidade, que no seu sentido ontológico, dentro dos limites temporais do homem, é o nada. A última situação limite do homem é a morte. Dasein é um "ser para-a-morte" e ao evitar assumir esta realidade re-

fugia-se numa existência inautêntica. Existindo, o homem existe no tempo, através da temporalidade - da existência que o homem adquire sua essência. O fato da existir, possibilita ao indivíduo ser ou não o que é. Autêntico ou inautêntico. O homem existe e a partir de então, define o que deverá ser. O homem só atinge a plenitude de seu ser na angústia, pois vive a cada instante a sua vida inteira, e, neste ato, reflete sobre a totalidade de seu ser. Experimenta antecipadamente a morte e o nada.

A influência do pensamento de Heidegger na Gestalt-terapia é bastante significativa, cabendo a ele o mérito de ter adaptado o método fenomenológico de Husserl para a dimensão da existência, para a compreensão dos existenciais, na busca do sentido do ser.

Quando a Gestalt-Terapia valoriza o momento existencial do cliente no presente imediato, está baseando-se na concepção Heideggeriana do ser-no-mundo, o ser em situação. Tenta captar o sentido do ser do cliente dentro da temporalidade da sua existência.

Enquanto objetivo terapêutico a Gestalt busca o revelar-se autêntico do indivíduo. Autenticidade esta, no sentido de Heidegger, buscando a singularidade da existência. Propõe um ir além do desempenho de papéis e busca uma expressão verdadeira do Ser como um todo, em suas dimensões emocionais, comportamentais, físicas e sociais. O Gestalt-terapeuta tenta compreender seu cliente, despojando-se de seus valores ou de qualquer

a priori relativo à situação, apreendendo-o a partir do próprio referencial. Acompanha o cliente na sua interrogação sobre si mesmo, tentando ampliar sua consciência de si, colaborando no seu desvelar-se. Fritz em sua autobiografia escreve:

"Mil flores de plástico
Não fazem um deserto florescer
Mil rostos vazios
Não podem uma sala vazia preencher"
(40, p. 137)

Com este poema pretende aludir à inautenticidade, à falta de uma consciência, à superficialidade, ao desempenho de papéis. O crescimento se dá, quando tenta-se ser o que se é, e não através de objetivos artificiais. A Teoria Paradoxal de Mudança significa que a mudança ocorre não quando se tenta ser o que não é, mas quando aceita-se o que se mostra em sua total facticidade. O reconhecimento do que se é, é o grande agente de mudança a caminho de uma expressão autêntica. A tomada de consciência em si - e de si mesmo - pode ter efeito de cura.

De acordo com Heidegger "o Ser não se confina em nada", mas a única forma que temos de chegar até ele é a existência. A postura do Gestalterapeuta reconhece esta afirmação, busca na existência concreta do indivíduo captar manifestações deste ser, sabendo-se da impossibilidade de sua apreensão total.

A Gestalt-Terapia valoriza as emoções e sentimentos, e coloca da mesma forma que Heidegger, que somos fóbicos à dor e preferimos nos refugiar numa existência inautêntica à enfrentarmos a angústia de não sermos o que realmente somos.

Perls coloca que é preciso morrer para renascer, morrer para o pré estabelecido, para o status quo, reconhecendo-se, assim, como sujeito, como humano e a partir daí para uma vida mais plena de significado. Amadurecer e crescer é transcender do apoio ambiental para o auto-apoio. (42)

"Consentir a própria morte e renascer, não é fácil." (33)

Heidegger procura chegar ao "ser" através de sua negação, o "não-ser". O "nada" representa os limites temporais do Dasein: antes do seu nascimento o "Ser-aí" é nada; morto; torna-se nada. É através do "nada", que o Dasein se completa. (33, p. 49) Perls escreve:

"Toda a filosofia do nada é muito fascinante. Na nossa cultura, o 'nada' tem um significado diferente do que tem nas religiões orientais. Quando nós dizemos 'nada', existe um buraco, um vazio, algo como a morte. Quando o oriental diz 'nada' ele quer dizer nada há, não há coisas. É apenas um processo, um acontecer. O nada não existe para nós no sentido mais estrito, porque se baseia na percepção do nada, existe alguma coisa. Quando aceitamos e entramos neste nada, no vazio, descobrimos que o deserto começa a florescer. O vazio estéril torna-se o vazio fer

til. O vazio (empty void) ganha vida, se enche. Estou me aproximando cada vez mais do ponto de escrever alguma coisa sobre a filosofia do nada. Eu me sinto assim, como não sendo nada, apenas funcionando. 'Eu estou cheio de nada.' Nada é igual a realidade."

Outro filósofo existencialista que influencia a visão de homem na Gestalt-terapia é Jean-Paul Sartre (1905-1980). Propõe-se aqui relevar o conteúdo da expressão existencial em Sartre, para clarificar os elos desta filosofia com a realidade psicoterápica proposta por Perls. Tal proposição filosófica facilita a compreensão que decorre de dentro do sujeito e, assim, temos acesso à verdadeira condição do Ser Humano, promovendo aquilo que se chama visão de Homem.

Sartre define a sua doutrina como humanista-existencial na medida em que considera o universo não como uma realidade, mas sim como o universo humano, no qual o homem está inserido em sua subjetividade. A frase célebre de Sartre "a existência precede a essência" tem como ponto de partida a subjetividade.

"Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer."
(50, p. 216)

O homem é um projeto vivido subjetivamente e nada mais é do que o que conscientemente se projeta no futuro. É totalmente responsável por esse projeto, no sentido de sempre restar a si a liberdade de escolha. Escolha esta, produtora de angústia, pois quando escolhe a si próprio o homem escolhe todos os homens.

A responsabilidade de sua vida e da humanidade, implica na escolha de uma dentre várias possibilidades, que só tem valor por ter sido a escolhida. Este ser responsável traz em si a angústia e declarando-se como um existencialista ateu, escreve:

"O existencialista, ..., pensa que é muito incomodativo que Deus não exista, porque desaparece com ele toda a possibilidade de achar valores num céu inteligível; não pode existir já o bem a priori, visto não haver já uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em parte alguma que o bem existe, que é preciso ser honesto, que não devemos mentir, já que precisamente estamos agora num plano em que há somente homens." (50, p. 227)

Sartre pretende dizer, assim, que não há determinismo, e que o homem é liberdade. Desse modo, não há natureza humana determinável e imutável, a essência se dá através da existência.

"O homem sem qualquer apoio e sem qualquer auxílio, está condenado a cada instante a inventar o homem." (Idem, p. 228)

"... o homem está desamparado." (Idem, p. 227)

O desamparo implica em sermos nós a escolher o nosso ser. Esse é o nosso desespero, sentimento pararelado à angústia. O homem nada mais é que seus atos e seu destino está em suas mãos.

Para Sartre, é essa teoria a única que confere uma dignidade ao homem não fazendo dele um objeto, considerando-o em sua subjetividade. Essa subjetividade não é rigorosamente individual é, na verdade, uma inter-subjetividade; o outro é indispensável à minha existência. "Para eu obter alguma verdade sobre mim é necessário que eu passe pelo outro." (50, p. 249)

Não existe natureza humana, existe contudo uma universalidade humana da condição, dependente de limites à priori que determinam a sua situação fundamental no universo. Limites esses que tem uma face objetiva e outra subjetiva. Objetiva porque estão em todos os lugares e subjetivas porque o homem determina livremente a sua existência em relação à elas.

Colocando que o homem ao escolher-se livremente escolhe também a liberdade dos outros, escreve:

"... num plano de autenticidade total, reconheci que o homem é um ser no qual a essência é precedida pela existência, que é um ser livre, que não pode, em quaisquer circunstância senão querer a sua liberdade, reconheci ao mesmo tempo que não posso querer senão a liberdade dos outros." (50)

Sartre procura definir os pressupostos do método fenomenológico dividindo a existência em duas categorias: o "em-si" (en-soi) mundo das coisas materiais e o "para-si" (pour-soi) o mundo da consciência, a realidade humana. Define a consciência como um "ser-para-si", na medida em que é auto-reflexiva. Fundamenta a sua ontologia nas categorias de ser e parecer, colocando como fenômeno as aparições que manifestam o existente.

Para a consciência atingir as coisas deve conter o não ser, o nada. Sua capacidade de nadaficar lhe dá a prova de sua liberdade. A intencionalidade da consciência, enquanto tendência de estar sempre voltada para fora, é que dá significado ao mundo e, portanto, fundamenta a sua liberdade. (51, p. 103)

"A liberdade é a fonte da angústia. A angústia se fundamenta no nada do indivíduo, e que para escapar a ela, desenvolve comportamentos que Sartre denomina de má-fé. Uma das formas que este comportamento pode assumir é o desempenho de papeis, onde o indivíduo tenta ser o que não é. O 'para si' diante do olhar do outro assume uma postura 'em si'". (33, p. 82)

Deste modo, o indivíduo engana o outro e a si mesmo, pois mascara a verdade para si na tentativa de fugir à responsabilidade de suas ações. Evita assim, assumir a responsabilidade por suas escolhas, agindo conforme os outros esperam que aja e procurando imaginar-se conforme os outros o vêem.

O sentido da morte para Sartre é diferente do de Heidegger, onde o homem é um "ser-para-a morte" (a morte conferindo significado à vida), é um acontecimento que retira da vida qualquer sentido.

"O existencialismo sartreano cultiva essa indiferença diante da morte, encarada como a nadificação de seus projetos." (33, p. 95)

Uma das principais contribuições do pensamento Sartreano à visão do homem na Gestalt-Terapia, refere-se a considerá-lo um ser particular, concreto com vontade e liberdade, consciente e responsável.

O conceito de liberdade parece paradoxal. O homem cria a forma da sua existência na relação com o mundo tentando encontrar a melhor maneira de interagir com esta. A ele cabe todas as possibilidades, há sempre uma escolha. No entanto, o homem em geral sente-se preso a "situações inacabadas" e confuso, com muito pouca noção de sua liberdade. Em geral não se sente responsável pelas suas dificuldades e não assume as suas escolhas. Porque na confusão em que se encontra não percebe que está a todo momento escolhendo. E que apesar de tudo, é a única pessoa que pode legislar sobre a sua vida.

"Quando... a busca de equilíbrio do homem o leva a retirar-se mais e mais, a permitir que a sociedade o influencie demais, a subjugá-lo com suas exigências, ao mesmo tem-

po a separá-lo do convívio social, a pressão-lo e moldá-lo passivamente, nós o chamamos de neurótico. O neurótico não pode ver claramente suas próprias necessidades e, portanto, não pode satisfazê-las. Não pode distinguir adequadamente entre si e o resto do mundo e tende a ver a sociedade como maior que a vida e a si mesmo como menor."

Assim, o neurótico perdeu a liberdade de escolha, não tem a capacidade de ver as opções que lhe estão abertas. Na terapia, através da focalização do estar sendo do cliente, busca-se aprender a necessidade dominante. O terapeuta investigando a realidade do cliente, procura ampliar sua consciência do fenômeno que está se revelando, tendo por base seus sentimentos, suas vontades e necessidades. O terapeuta gestaltista frequentemente pergunta ao seu cliente como ele se sente em relação ao que está expressando, o que ele quer, o que ele pode fazer com isso. Neste sentido, busca capacitar o indivíduo a assumir a responsabilidade e a liberdade de sua vida.

Considerando o homem um projeto, um ser se fazendo, se antecipando, decidindo ser o que, de certa maneira, já está sendo, a psicoterapia busca levar o cliente a tomar consciência do seu projeto, do modo como este vem sendo realizado e de como levá-lo adiante. A psicoterapia é um encontro cuja finalidade é ajudar o cliente a se descobrir, pedacinho por pedacinho, até que ele "veja" a sua essência consumada, ou seja, até que ele possa identificar, experienciar e se apossar de si próprio, seus desejos, sua própria realidade. (45)

3 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS BÁSICOS

"A Gestalt-Terapia está vivendo um momento de crise." (Yontef - 1981). Perls não se preocupou em organizar e sistematizar o referencial teórico que embasa a Gestalt-terapia. Apresentou seus conceitos de uma forma vaga e bastante desorganizada. Como foi dito anteriormente, está havendo um movimento atual para redefinir, restaurar e integrar de uma forma mais consistente os pressupostos teóricos da abordagem gestáltica. Os conceitos aqui apresentados foram pesquisados nos livros de Perls e de outros gestalterapeutas, de forma que a organização e a seqüência na qual vão sendo apresentados baseiam-se num critério pessoal.

O objetivo desta suscinta sistematização é tentar dar uma visão geral da abordagem, visando colaborar numa melhor compreensão da atitude terapêutica na Gestalt-terapia.

Fritz Perls em seus escritos utilizou-se de diversos conceitos de diferentes abordagens, que integrados compõem o referencial teórico que apóia a teoria terapêutica.

A Palavra Gestalt, tirada da Psicologia da Gestalt, é uma palavra alemã, sem tradução para o português, que significa estrutura, forma, organização, algo completo, um todo.

"Uma Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição". (42, p. 19)

Perls transpõe essa noção de Gestalt para a psicoterapia, e a partir dela descreve uma das premissas fundamentais da Gestalt-terapia.

"... a organização dos fatos, percepções, comportamentos ou fenômenos, e não os aspectos individuais de que são compostos, que os define e lhes dá um significado específico e particular". (42, p. 18)

A Gestalt é composta pela interrelação dos diversos aspectos individuais do fenômeno e adquire um significado específico como um todo significativo. Quer dizer, o homem não percebe as coisas isoladas e sem relação, ele as organiza no processo perceptivo como um todo significativo dependente do seu interesse e motivação. Apenas quando há completa falta de interesse a percepção é atomizada.

A pessoa não só estrutura aquilo que percebe em unidades econômicas de experiência como também altera e censura aquilo que vê e ouve, harmonizando seletivamente suas percepções com suas necessidades internas. Isto é, a experiência interior colore e determina a experiência corrente.

A pessoa estrutura e põe ordem às suas próprias percepções. Organiza como uma figura sendo vista ou percebida contra um "background" ou fundo.

"Uma figura, seja ela simplesmente perceptual ou constituída de uma ordem de complexidade superior, emerge do fundo à maneira de um baixo relevo, avançando para uma posição que força a atenção e que acentua as suas qualidades de limite e clareza. Uma das características da figura, é sua tendência à finalização em busca de uma forma que a torne pregnante e clara." (43, p. 44)

O fundo é ilimitado e informe. Sua principal função é fornecer um contexto que proporcione profundidade para a percepção da figura, dando-lhe perspectiva, mas impondo pouco interesse independente dela. O vigor do fundo está em sua fertilidade. O fundo é uma fonte de formações figurais continuamente novas. A qualquer momento aquilo que é figura pode recuar ao fundo e alguma coisa no fundo pode se tornar figura.

Polster descrevendo a dinâmica figura e fundo em Gestalt-terapia descreve três elementos constitutivos do fundo na vida de uma pessoa: a vida anterior, a situação inacabada e o fluxo da experiência presente. Toda a vida de uma pessoa é, em certo sentido, fundo para o momento presente. Características pessoais, são qualidades que dão orientação na vida e que influenciam as experiências que emergem no primeiro plano do presente. Idealmente, não haveria experiência do fundo que nas circunstâncias corretas não pudesse se tornar figural. No entanto, o indivíduo cobre certas áreas do fundo, como ca-

racterísticas, experiências e, assim, não está totalmente livre para funcionar como uma fonte de novas figuras. Situações inacabadas são figuras incompletas ou necessidades do passado que intrometem-se no presente sempre novo, numa tentativa de serem resolvidas ou completadas. O fluxo da experiência presente é o instante vivido que apresenta inúmeras possibilidades de formações figurais. Os problemas humanos são interrupções ou fixações em várias etapas do processo figura e fundo que se desenrola naturalmente. (idem, p. 46)

Outra premissa fundamental em Gestalt-terapia refere-se à homeostase. (42, p. 19) Perls descreve o comportamento humano em termos de um processo contínuo, no qual necessidades surgem como figuras a partir de um fundo que é a pessoa como um todo, com sua história e experiência, situado no seu tempo e espaço.

Todos os comportamentos são governados pela homeostase, que é o processo pelo qual o organismo mantém seu equilíbrio e satisfaz suas necessidades. Baseia-se no pressuposto que a necessidade de sobreviver age como força propulsora em todos os seres vivos e todos mostram sempre duas tendências: sobreviver como indivíduo e espécie, e crescer. Acrescenta que o organismo parece operar através de uma escala de valores. Como não pode realizar mais de uma coisa de cada vez, age de acordo com o princípio das coisas fundamentais. Em termos de psicologia da Gestalt, a necessidade dominante do organismo se torna a figura do primeiro plano e as outras necessidades recuam pelo me-

nos temporariamente para o segundo plano.

A homeostase é o processo de auto-regulação do organismo, através do qual este interage com seu meio e satisfaz suas necessidades, tanto à nível fisiológico como à nível psicológico.

Therese Tellegen (1984, p. 61) acrescenta ser este modelo organísmico da relação homem-mundo, insatisfatório do ponto de vista conceitual, para abranger a complexidade das interrelações das múltiplas dimensões sistêmicas que estão em jogo. Propõe para uma melhor compreensão desta dinâmica, enfocá-la numa perspectiva sistêmica, a partir da Teoria Geral dos Sistemas proposta por Ludwing von Bertalanffy. Esta é uma abordagem inter-disciplinar de fatos multivariáveis e caracterizáveis pelo fato e pela forma de sua organização, fatos, portanto, que não são abordáveis pelo método de isolar e manipular variáveis.

A proposta de Bertalanffy salienta que se o princípio da manutenção homeostática for tomado como regra de ouro do comportamento humano, o fim último será o indivíduo bem ajustado, que se mantém na mais desejável homeostase do ponto de vista biológico, psicológico e social, sendo, portanto, ideologicamente um modelo reativo e conservador.

Acrescenta Therése, ainda, que focalizando não só as relações entre as partes formadoras de um todo, mas também os entrecruzamentos de diversos sistemas e a sua articulação, a

Teoria Geral dos Sistemas amplia e enriquece o modelo sistêmico dos Gestaltistas. Cita o fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty que situa a ordem existencial humana como reestruturando e resignificando a ordem vital biológica. Não se pode entender, segundo este, a percepção e a ação humanas sobre o seu mundo em termos da dialética vital do organismo e seu meio. O que constitui a condição humana propriamente dita é poder ir além de manter estruturas e relacionar-se com estruturas dadas, é a capacidade de criar novas estruturas pelo fato de poder abstrair e encarar um mesmo objeto sob uma pluralidade de aspectos.

Perls, de uma certa forma, quando distingue dois níveis da ação humana, o pensar e o agir, e coloca o pensar como mais econômico, tornando o agir mais eficiente, parece apontar na direção proposta por Merleau-Ponty.

"A atividade mental parece ser a atividade que a pessoa total exerce num nível energético inferior ao das atividades denominadas físicas". (42, p. 28)

Em toda obra de Perls percebe-se uma preocupação em encontrar uma conceituação e uma linguagem que pudesse superar o tradicional pensamento dicotômico corpo-mente, sujeito-objeto, natureza-cultura, indivíduo-sociedade. Procura manter, desta forma, a coerência com um conceito central da Gestalt que é o Holismo.

"... Podemos finalmente introduzir na psicologia um conceito holístico - o conceito de campo unificado (...)" (42, p. 30)

"O estudo do modo como o ser humano funciona em seu meio é o estudo do que ocorre na fronteira de contato entre o indivíduo e seu meio. É neste limite de contato que ocorre os eventos psicológicos". (42, p. 31)

"(...) organismo e meio se mantêm numa relação de reciprocidade. Um não é vítima do outro. Seu relacionamento é, realmente, o de opostos dialéticos". (Idem, p. 32)

Considera, portanto, o ser humano como, simultaneamente e por natureza, um indivíduo e um membro do grupo social. É nesta relação de mutualidade entre organismo e meio que pensa as questões de saúde e neurose.

"Ninguém é auto-suficiente, o indivíduo só pode existir num campo circundante, é inevitavelmente, a cada momento, uma parte de algum campo. Seu comportamento é uma função do campo total, que inclui a ambos: ele e seu meio (...) se o relacionamento é mutuamente satisfatório, o comportamento do indivíduo é o que chamamos de normal. Se é de conflito, trata-se de comportamento descrito como anormal". (42, p. 31)

A função que possibilita essa interação é o contato. O contato é um relacionamento dinâmico que ocorre somente nas fronteiras de duas figuras atraentes, mas claramente diferenciadas. Exige um senso de união e de separação e quanto maior o senso de separação, maior é a possibilidade de união. O contato sempre ocorre entre seres separados. Nossos pensamentos, ações, comportamentos e emoções, são a nossa maneira de viver esta relação. Uma qualidade de contato caracterizada por

vivacidade e espontaneidade é a marca da saúde. Por outro lado, estereotipia, confusão e desconexão pertencem à esfera da patologia.

A confusão ocorre quando o indivíduo perde a habilidade de organizar seu comportamento de acordo com uma hierarquia indispensável de necessidades. Baseia-se na concepção de que a ação efetiva é a ação dirigida para a satisfação de uma necessidade dominante. Quando há mais de duas figuras demandando atenção ou se a figura de interesse é obscura, há confusão. Se há duas situações inconsistentes requerendo atenção, há conflito. Se este é permanente ou aparentemente insolúvel há conflito neurótico.

No entanto, todo contato exige retração. É um contínuo ir e vir nesta fronteira indivíduo-meio. Quando o indivíduo não consegue discriminar adequadamente o que contactar e do que fugir, não pode dirigir seu comportamento de forma satisfatória e entra em conflito consigo mesmo e o meio.

O contato envolve a consciência e discriminação do eu e do não eu, e isto é uma excitante experiência de escolha.

Seguem algumas citações que ilustram a noção de neurose.

"(...) a neurose é a doença que surge quando o indivíduo, de alguma forma, interrompe os processos contínuos da vida e se sobrecarrega com tantas situações incompletas, que não pode prosseguir satisfatoriamente com o pro

cesso de viver" (...) o ritmo do seu contato-afastamento está fora de forma. Não pode decidir por si mesmo quando participar e quando fugir, porque todas as vivências incabadas de sua vida perturbaram seu sentido de orientação. ... Perdeu a liberdade de escolha, não pode selecionar os meios apropriados para seus objetivos finais, porque não tem a capacidade de ver as opções que lhe estão abertas." (42, p. 38)

"(...) Todos os distúrbios neuróticos surgem da incapacidade do indivíduo encontrar e manter o equilíbrio adequado entre si próprio e o resto do mundo, ... A neurose é uma manobra defensiva para proteger-se contra a ameaça de ser sobrepujado por um mundo esmagador." (Idem, p. 45)

Desta forma, o objetivo da terapia está longe de ser uma tentativa de adaptação do indivíduo à sociedade. Está mais próximo de uma experiência de capacitação do cliente no restabelecimento de suas funções de contato para uma melhor orientação no sentido da satisfação de suas necessidades físicas, psicológicas, inter-pessoais e sociais.

A idéia de ajustamento criativo que inclui auto-regulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante, em contraposição a controle externo, dependência, agarramento ao passado e comportamento estereotipado, é o que norteia este critério de saúde. Ajustamento criativo tem a ver com a dialética de continuidade e mudança, com a inserção estrutural do novo no velho, para formar com ele uma nova configuração. (55, p. 46)

A Gestalt-terapia é muitas vezes colocada como a terapia do aqui e agora, na medida em que põe ênfase no momento

presente. No entanto, urge definir este conceito de presente, visto que considera o ato de relembrar e planejar como funções presentes, apesar delas se referirem ao passado e ao futuro. Assim é um presente com espessura através do tempo, inclui tudo que se passa com o indivíduo no momento. Acompanhando o cliente de momento a momento, tanto em suas recordações como em suas fantasias, busca ficar com o que se apresenta como fenômeno da pessoa.

"Passado e futuro não são duas esferas distintas, que se estejam tocando num ponto zero, chamado presente. Realmente, o passado e o futuro diferem: o passado está atrás de nós, o futuro ali adiante, à nossa frente. Todavia ambos tem um valor atual; futuro e passado estão incorporados num presente. O passado está dentro do presente: é aquilo que era da maneira como está aparecendo agora. E o futuro, o que está vindo, da maneira que está nos encontrando agora. Este aparecimento e esse encontro estão intimamente relacionados". (3, p. 92)

Perls enfatiza a ação e a presentificação, numa tentativa de fazer frente a postura analítica de valorizar primordialmente os conteúdos passados, como se o cliente tivesse tido um problema no passado. Considera o neurótico como uma pessoa que tem um problema presente no aqui e agora, porque todas as situações inacabadas de sua vida interferem no momento atual, não lhe permitindo estar livre para viver tudo o que lhe apresenta - vive anacronicamente. (42, p. 75)

A forma de se manter absorto na situação presente é a focalização da consciência. A conscientização é o ponto fo

cal da terapia Gestáltica. Concentrando-se no fluxo da consciência do presente imediato, objetiva-se expandir as áreas de auto-consciência do indivíduo, o que acarreta num apropriamento responsável de seus atos.

"O conscientizar-se fornece ao paciente a compreensão de suas próprias capacidades e habilidades, de seu equipamento sensorial, motor e intelectual. Não se trata de consciente - que é puramente mental - como se a experiência fosse investigada somente através da mente e das palavras. O conscientizar-se fornece algo mais ao paciente". (42, p. 77)

Zoseph Zinker, descreve o funcionamento saudável do indivíduo a partir do ciclo consciência-excitação-contato. Enfatiza que: Aqui e agora o indivíduo entra em contato com alguma coisa em si mesmo ou no meio, toma consciência e age no sentido de satisfazer alguma necessidade, e novamente volta ao equilíbrio, ou ponto zero, até que outra necessidade apareça para ser satisfeita. As interrupções constantes e rígidas deste ciclo é o que se considera patológico.

É essencial ressaltar a importância de se avaliar este ciclo dentro de uma visão de equilíbrio dinâmico, onde o ponto zero, ou indiferença criativa (vazio fértil), é o espaço onde novas figuras podem aparecer. Esta volta ao ponto zero, não é uma volta ao mesmo ponto zero anterior e sim um passo a um novo estado de equilíbrio.

A integração de cada evento que surge, torna diferente a estrutura anterior. A terapia gestáltica caminha no sentido do desvelamento da consciência, buscando integrar cada nova experiência, aumentando assim, a amplitude da consciência do indivíduo.

É dentro desta perspectiva que a resistência deve ser encarada. Todo movimento do indivíduo é em direção a este equilíbrio dinâmico, em busca de uma síntese ou integração. Então, seus mecanismos de defesa são vistos como sua melhor forma de enfrentar situações que lhe são difíceis. É uma força criativa para controlar um mundo difícil. Considerando o homem como uma composição de diversos aspectos, a resistência é uma das partes. (43, p. 62-77)

O crescimento depende da renovação das possibilidades de contato entre diversos aspectos do indivíduo - possibilidades estas que foram fechadas por errôneas idéias de incompatibilidade. O indivíduo é em si uma sequência sem fim de polaridades. (43)

A Gestalt-terapia trabalha as resistências através da integração das diversas partes anteriormente negadas, o que dá ao indivíduo a chance de avaliar suas ações, mesmo as consideradas neuróticas, como manobras defensivas para sobreviver em situações inadequadas.

Possibilita assim, uma integração e um senso de EU em totalidade, que vem a aumentar a auto-estima do cliente, sendo esta, o instrumento necessário para um melhor funcionamento intra e interpessoal.

O objetivo terapêutico dentro da abordagem gestáltica é o desenvolvimento da *awareness*. *Awareness* é uma palavra de difícil tradução. Significa perceber, dar-se conta, tomar consciência.

"É a focalização espontânea de todo o organismo numa região específica da fronteira organismo ambiente onde há, num dado momento, um intercâmbio significativo. É diferente da atenção que seria uma concentração ativa, voluntária, geralmente parcial". (58)

Desta forma, *awareness* significa ampliação da consciência. Inclui percepção, discriminação e orientação, enriquecendo o arsenal de recursos próprios do cliente. É uma espécie de tomada de posse de si para que seja o sujeito de sua existência.

4 - A ATITUDE TERAPÊUTICA

A visão do homem que embasa a Gestalt-terapia, como foi dito anteriormente, baseia-se numa concepção existencialista. Esta considera o ser humano como um ser único, singular, subjetivo e relacional, que se define a partir de sua existência na relação com o outro.

A atitude necessária para abordar este Ser de uma forma coerente é fenomenológica. Valorizando a relação e a volta "às coisas mesmas" sem julgamentos e à priori, o método fenomenológico propõe um caminho para a compreensão do homem dentro da perspectiva existencial.

O método fenomenológico utilizado na Gestalt-terapia baseia-se numa investigação da existência, buscando captar as pluralidades das manifestações do Ser. Neste sentido, afasta-se do método Husserliano, enquanto este objetiva chegar às essências. A essência do ser humano é inatingível, pois, como diz Heidegger, sua essência última é o mistério.

A chave parece ser a compreensão sem uma busca apresada de definição. Consciente de que as partes não descrevem o todo, a produção de uma resposta fácil e rápida pode deixar o fenômeno na mera aparência, mascarado em sua superficialidade. O psicoterapeuta intenta acompanhar, assim, o fluxo do ou-

tro, a manifestação de instante ã instante, numa atitude de espera. Acolhe seu cliente procurando aceitá-lo numa postura de escuta interessada. Este é o primeiro passo no estabelecimento de uma relação de confiança. O ser para se revelar precisa confiar, sentir-se livre e questionado pelo seu existir. Uma atitude de profunda humildade na tentativa desta compreensão, parece ser muito importante. Visto a impossibilidade de se captar o Ser, o terapeuta torna-se um acompanhante do desvelamento da pessoa aos seus sentidos.

O psicoterapeuta busca captar o que se revela, o que se apresenta, pesquisando, indo junto, sabendo-se separado. Procura ampliar, através do método fenomenológico, a *awareness* de cada detalhe da consciência. Busca algum sentido, que é sempre do outro, dado pelo outro, tentando chegar a uma gestalt mais completa, mais nítida e clara, deixando, assim, que a configuração se dê cada vez mais pregnante. É importante ressaltar aqui, que a ênfase não está nos conteúdos em sí, mas na articulação dos diversos temas que determinam a configuração específica do momento.

Esta configuração é provisória e reformula-se no instante seguinte na mesma medida da mudança do cliente. Tudo é sempre novo e se revela pela primeira vez. Nunca se volta ao mesmo ponto, pois em diferentes momentos cada aspecto da experiência possui uma nova configuração que precisa ser abordada. É como uma espiral sempre em movimento. Consciente disto, o te

rapeuta procura fora do instante terapêutico, visualizar e compreender o processo que está em andamento na terapia. A posteriori do encontro, cabem reflexões teóricas, mapeamentos, diagnósticos existenciais, estudos de casos, etc.

"O método fenomenológico parece atender exatamente a nossos requisitos que postulam, de um lado, o reconhecimento da inter-subjetividade, e de outros, os meios de elaborar uma compreensão objetiva..." (2, p. 15)

"O método fenomenológico propõe caminhos para a compreensão, visando respeitar a complexidade do real e encontrar o sentido dentro do próprio fenômeno... reconhece a precariedade de qualquer compreensão". (Idem, p. 16)

Terapeuta e cliente caminham juntos, tentando aproximar-se e se fazer compreender. O terapeuta torna-se um acompanhante do revelar-se do cliente em busca de um sentido. Se faz uma hipótese sobre o que está se revelando, esta só faz sentido, com a confirmação dada pelo cliente de estar sendo compreendido. No momento do encontro o terapeuta não está testando uma hipótese, mas buscando uma aproximação, um significado cada vez mais exato e próximo da vivência do outro. A impossibilidade de se saber sobre a subjetividade do outro e esta ser a única realidade deste, impulsiona o psicoterapeuta a abandonar cada hipótese que possa ter sido elaborada e se render a realidade do que está se mostrando. O estilo interrogativo da fenomenologia e seu inacabamento essencial buscam esta aproximação.

O indivíduo capta o mundo em sua consciência de uma forma intencional. Se relaciona com este em consonância com sua atual consciência da situação. A verdade, assim, é sempre relativa e dependente de como o homem a capta. A tarefa do terapeuta consiste, então, em compreender seu cliente a partir do referencial deste, de sua verdade. Para isso, o Gestalt-terapeuta suspende seus valores, interesses e qualquer à priori relativo a experiência que está se desenrolando. As teorias e técnicas psicoterápicas existem em um fundo e só emergem como figura como instrumento da compreensão. A experiência do encontro terapeuta e cliente é que dá a direção a seguir. Neste sentido a terapia é experencial.

O relacionamento psicoterapêutico é uma forma de diálogo existencial. O diálogo é uma forma particular de contato e pede o reconhecimento de uma outra pessoa como um TU. Baseado em Buber, o diálogo se dá na relação EU-TU e requer autenticidade. Para ser autêntico, o indivíduo precisa definir-se verdadeiramente no relacionamento com outras pessoas enquanto seres humanos.

"Definir-se a si mesmo verdadeiramente é uma chave importante para a compreensão da atitude existencial. As explorações fenomenológica-existenciais revelam que as pessoas vivem em contexto de convicções não formuladas. Esse hábito apreendido do pensamento convencional forma um sedimento que turva a experiência imediata do mundo como ele é e do "self" como ele é. A definição do "self" baseada numa experiência imediata clara e acurada permite-nos saber pelo que somos responsáveis e saber que escolhas estamos fa

zendo. Isto é ao que se alude como autenticidade. Embasar a nossa percepção do "self" em sedimento é enganar a nós mesmos". (67 , p. 12)

Esta relação de autenticidade entre terapeuta e cliente objetiva servir de apoio para o cliente sentir-se verdadeiramente compreendido. Esta compreensão, que é a capacidade do terapeuta de aprendê-lo como sujeito único e confirmá-lo enquanto pessoa, é que torna a integração pessoal possível. Esse relacionamento dialógico exige algumas atitudes por parte do terapeuta. (Idem, p. 12)

O terapeuta deve ser capaz de colocar-se no polo de *awareness* da outra pessoa, quer dizer, incluir-se no referencial do outro e ao mesmo tempo manter-se centrado em si mesmo. É por-se tão plenamente quanto possível na experiência do outro, sem julgar, analisar ou interpretar, enquanto mantém uma percepção da própria presença separada e autônoma.

Esta atitude diferencia-se da empatia, na medida em que, a empatia é um sentimento necessário, mas que ignora um polo existencial do diálogo. A inclusão requer a presença ativa das duas pessoas que estão em diálogo.

O terapeuta deve manifestar abertamente a sua presença como pessoa. Ele pode expressar suas observações, sentimentos, opiniões como parte do relacionamento terapêutico. Ele se coloca como uma pessoa frente a seu cliente. E é exatamente

por sentir-se na presença de outra pessoa que o cliente sente-se confirmado. É uma relação entre dois seres humanos, de pessoa para pessoa. Se o terapeuta depender da interpretação derivada de uma teoria em lugar da presença pessoal, ele conduz o cliente a usar fenômenos que não estão na experiência imediata. Na medida em que o terapeuta compartilha sua perspectiva no relato fenomenológico do cliente, o auxilia no aprendizado, na confiança e no uso da experiência imediata para elevar a *awareness*. (67, p. 13)

O diálogo requer ainda um compromisso com o processo interpessoal. O terapeuta precisa render-se ao que emerge do diálogo e permitir que o contato aconteça "entre" em lugar de controlar o contato. Quer dizer, manter-se fiel ao fenômeno que está se revelando sem qualquer convicção a priori.

Na linguagem de Buber, poderíamos dizer que o terapeuta é um "organizador do diálogo", na medida em que subordina-se pelo menos momentaneamente a serviço do "entre".

O diálogo é uma experiência vivencial, não é apenas uma forma verbal de relacionamento, inclui emoções, ações, e todas as dimensões possíveis do expressar-se humano em direção ao encontro de outrem.

A atitude terapêutica precisa apoiar-se ainda, na Teoria de Campo Fenomenológico. O que se investiga numa abordagem de campo são os fenômenos, isto é, o que é dado à experiên

cia. Investiga o "campo" da maneira como é experienciado por uma pessoa no momento. É um método descritivo, descreve "o que" e "o como", a estrutura e a função. Baseia-se na experiência imediata e requer uma suspensão, um colocar "entre parênteses" qualquer a priori. A *awareness* imediata é utilizada para obter uma compreensão da estrutura básica do campo, tendo por base a experiência no momento presente.

Os gestaltistas observaram que a experiência é estruturada e não fragmentada. Percebemos em termos de todos segregados, figuras que se diferenciam de um fundo também diferenciado internamente em partes. O todo possui propriedades que não são encontradas em nenhuma parte em separado. O todo é um campo que determina as suas partes. Todo evento tem tanto ordem como significado. O campo é constituído de forças múltiplas em interrelação funcional uma com as outras e com o todo. Uma mudança em uma parte afeta o campo todo. As investigações da Gestalt, buscam compreender as características estruturais do campo, tendo como objetivo o insight, a clareza estrutural. Na psicoterapia através da *awareness* objetiva-se chegar ao insight, de maneira que as relações significativas sejam aparentes. (67, p. 29)

A Gestalt-terapia na medida em que aborda a pessoa como um todo, valoriza tanto o discurso verbal como as manifestações corporais e emocionais do cliente. Ficando com o fenômeno que se apresenta, o terapeuta recebe o cliente na sua expressão em todos os níveis. Presta atenção não só no que é ver-

balizado, mas também no como isto é expressado, na postura corporal, na entonação de voz, na emoção presente. Objetivando acompanhar e apreender o revelar-se do cliente, acredita na *awareness* como a ferramenta essencial para o indivíduo tomar posse de si mesmo e caminhar no sentido do autoconhecimento.

Não é o objetivo da terapia a mudança, nem a resolução de problemas. Isto pode acontecer em decorrência da experiência de contato e consciência do indivíduo consigo mesmo, o que lhe possibilita fazer uma escolha. O terapeuta procura facilitar estas experiências sem planejamento algum. Acompanha o cliente na sua interrogação sobre si mesmo, ajudando-o a formular claramente a sua pergunta e delinear sua necessidade.

Se o homem é sempre um ser-em-situação, sua experiência só pode ser compreendida como uma estrutura ou campo complexo, cuja a organização interna é singular. Este campo não é estático. O homem é um ser-em-processo, em processo de intercâmbio criativo com o meio. Daí a necessidade de buscar compreendê-lo no seu contexto, bem como, de avaliar cada aspecto da pessoa dentro do seu contexto particular.

"Quando falo em campo complexo - 'Gestalt' - em parte ou dimensões de campo, penso em contexto físico, geográfico, educacional, e econômico, político, cultural: penso em vivência da corporeidade, do espaço contextual, nos vínculos interpessoais, atuais e passados, nas experiências vividas ao longo da vida, nos campos prospectivos, nos dinamismos internos com seus conflitos, nas limitações e potencialidades. Esta maneira de

ver situa a Gestalt-Terapia filosoficamente no âmbito fenomenológico-existencial." (58, p. 4)

A compreensão da existência como uma totalidade absolutamente singular em sua articulação dinâmica, requer uma descrição minuciosa dos fenômenos numa situação concreta. É um método fenomenológico. Partindo-se do óbvio imediatamente experienciado, descrevendo-o com a máxima precisão, vão se desvendando as relações de significado que levam necessariamente à estrutura da experiência. Detectar a configuração específica desta estrutura é um processo e o começo do vislumbre de uma possível reconfiguração do campo.

Quanto ao objetivo da terapia, busca-se desenvolver no cliente uma atitude de auto-observação e um modo de compreender suas dificuldades de uma maneira nova, a partir da compreensão da situação como um todo mais completo, incluindo suas motivações anteriormente não claramente percebidas. Objetiva-se uma reconfiguração auto-perceptiva, que com base nos recursos e limites realistas, sustenta um senso de autonomia e responsabilidade. (58, p. 8)

"... situo a Gestalt-Terapia, como uma terapia de esclarecimento por excelência." (Idem, p. 9)

A função do terapeuta parece ser esclarecedora ajudado o cliente a desvendar as relações de significado. No caminho de uma síntese, uma integração, o terapeuta assinala pon

tos do expressar-se do cliente procurando tornar a configuração mais completa e nítida.

As formas de utilização do repertório técnico no acompanhamento do cliente são infinitas. Na medida em que a relação terapêutica é uma relação entre duas pessoas, o terapeuta deve apoiar-se em seus próprios recursos, estilo, conhecimentos, e a partir deles criar, junto com seu cliente, experiências para melhor desenvolver o tema que este está trazendo. Faz-se necessário que o terapeuta esteja em sincronia e contato genuíno com o que está se mostrando para libertar a sua criatividade e se colocar a serviço da situação.

Perls enfatizava que a Gestalt não são técnicas. No entanto, a Gestalt é frequentemente conhecida por suas técnicas e, em maior ou menor grau elas funcionam. Técnicas estas, baseadas no estilo de Perls, que tinha em seu fundo experiências em teatro, psicodrama, psicanálise e muita filosofia. Não esta filosofia apenas acadêmica, mas filosofia no sentido de estar sempre em busca de algo mais real e verdadeiro, sempre questionando em busca de algo em que acreditar. Cada proposta feita por ele, o que se poderia chamar de técnica, buscava o "como é isto para você?", voltava sempre a experiência do outro. Essa atitude é que é fundamental em qualquer recurso técnico, é o que faz com que as técnicas funcionem.

O termo "técnica" não parece muito apropriado à atitude do psicoterapeuta gestaltista, pois esta busca integrar a dimensão vivencial do acontecer na relação terapêutica. Terapeuta e cliente juntos, criam situações experienciais que não são programadas, mas ao contrário, são espontâneas e emergem a partir da configuração situacional única do momento terapêutico. É uma forma criativa de seguir e encorajar o desenvolvimento natural dos fenômenos que se mostram. Objetiva fotografar o fenômeno a partir de novos ângulos, vitalizando, assim, o fluxo perceptual.

A criação de situações experienciais tem por finalidade a exploração ativa do indivíduo sobre si mesmo. É uma forma de se trabalhar com a pessoa por meio da experiência.

"Busca expandir o repertório de condutas da pessoa; criar condições nas quais a pessoa pode ver sua vida como sua própria criação; completar situações inacabadas; integrar as compreensões intelectuais com expressões motoras; descobrir polaridades de que não se tem consciência; estimular a integração das forças de personalidade em conflito; reintegrar sentimentos, idéias e ações; estimular circunstâncias em que a pessoa pode sentir-se e atuar com maior vigor e competência, apoiando-se mais em si mesma e numa atitude mais explorativa e ativamente responsável consigo mesma." (69, p. 107)

Existem inúmeras formas que estas situações experienciais podem assumir, na medida em que se baseiam num encontro criativo entre terapeuta e cliente. Polster dá alguns exemplos relativos à forma que estas vivências podem assumir: (43, p. 214)

- Representação: é a dramatização de algum aspecto da vida do cliente dentro da cena terapêutica. Pode referir-se a uma situação do passado distante, a uma situação inacabada do presente, a uma característica ou a uma polaridade da pessoa.

- Comportamento Dirigido: objetiva praticar comportamentos que o cliente pode estar evitando para fins de exploração. Através de uma instrução ou orientação simples, o cliente pode fazer alguma coisa que descobre ou revela comportamentos que podem estar bloqueados em sua consciência.

- Fantasia: objetiva contactar com um evento, sentimento ou características pessoais resistentes; contactar com uma pessoa indisponível ou com uma situação inacabada; a exploração do desconhecido; ou a exploração de novos aspectos do indivíduo.

- Sonhos: Perls acreditava que cada detalhe do sonho do sonhador era um aspecto alienado da própria pessoa e frequentemente trabalhava com os sonhos pedindo ao cliente que o relatasse no presente, como se ele estivesse acontecendo agora. Auxiliava o sonhador a representar psicodramaticamente as partes de seu sonho como sendo aspectos de sua própria existência em busca de captar a mensagem existencial do sonho.

As situações experienciais visam trabalhar com *awareness* e contato numa perspectiva transversal do agora. No entano

to, precisam ser complementadas pela busca de um sentido deste experienciar no contexto da vida da pessoa, numa perspectiva longitudinal. A terapia busca um equilíbrio rítmico entre o experienciar e o fazer sentido para a pessoa.

A Gestalt-terapia pode existir sem nenhuma das "técnicas" descritas em qualquer lugar, porque ela é uma forma de apreensão da realidade. Primordialmente baseia-se numa atitude fenomenológica frente a qualquer evento que se revele à consciência, objetivando o estabelecimento de uma relação dialógica entre terapeuta e cliente.

Tendo em vista a visão do homem na Gestalt-terapia, como foi exposta anteriormente, parece não ser adequado o terapeuta dirigir o cliente em nenhum sentido. É mais coerente investigar com base na expressão do fenômeno que se mostra, buscando apreender aspectos anteriormente não percebidos, e procurar respostas em conjunto com o cliente.

5 - CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS À GESTALT TERAPIA

A Gestalt-terapia tem sido alvo de inúmeras críticas tanto pelos psicólogos de outras linhas, como pelos próprios Gestalt-terapeutas. Há um reconhecimento geral quanto a falta de uma sistematização teórica clara e bem definida. A forma desarrumada como Perls desenvolveu seus conceitos dá margem a uma errônea idéia de anti-intelectualismo, onde apenas a ação e a praxis teriam importância. Seu estilo era voltado para a prática e faltou-lhe o fôlego como teórico, para sistematizar e fundamentar a abordagem que estava criando. Deu pistas, mostrou caminhos e esta foi a sua grande contribuição.

Muito desta visão anti-intelectual diz respeito a uma época em que o intelecto era desvalorizado, na tentativa de se valorizar a vivência e a experiência. Gary Yontef (1987) enfatizando este aspecto afirma:

"Durante os anos sessenta o intelecto era frequentemente tratado com desprezo. ... A fraqueza de Fritz no discurso teórico era com - pensada nos primeiros anos pela qualidade do discurso intelectual do restante do grupo da cidade de Nova York. Nos anos sessenta os refletores se deslocaram para Fritz e para a Califórnia. Separada da influência e da estimulação intelectual do grupo de Nova York, a Gestalt-terapia desenvolveu uma tendência anti-intelectual inteiramente adequada à tendência anti-intelectual da época..." (68)

No final dos anos sessenta, o momento era de rebelião, expansão e expressividade e nesse contexto a Gestalt-terapia torna-se bastante popular através do estilo de Perls na sua fase californiana. Yontef acrescenta ainda:

"A ênfase anárquica na Gestalt-terapia é compreensível através de uma perspectiva histórica. Ela iniciou com uma revolução contra uma comunidade psicológica conservadora, que inibia inovações, especialmente na ideologia básica. Mas as estruturas estabelecidas não mais são mais segredos. Esta rebelião foi muito bem sucedida... há necessidade agora de procurar uma nova síntese. Ser anti-establishment já não é uma orientação adequada." (66)

O momento atual da Gestalt-terapia parece ser o de tomar consciência desta falta de fundamentação e sistematização.

Outro aspecto derivado desta tendência anti-intelectual refere-se à forma como a Gestalt-terapia ficou conhecida. Com uma literatura bastante limitada, as técnicas tornaram-se a grande vedete. Perls nos últimos anos de sua vida, para demonstrar a teoria e a prática de sua abordagem, dava demonstrações práticas em *workshops*, filmes e livros, sendo este método, o que ficou conhecido como o cerne da terapia, revertendo, assim, a sua ênfase verdadeira. É o que Isadora From (1984) chama de Teatralização da Gestalt-terapia.

"Aquilo que começou como um esforço para demonstrar a teoria e a prática da Gestalt-terapia para uma audiência, de alguma forma constituída por profissionais, inexplicavelmente, tornou-se um método chamado Gestalt." (13, p. 7)

Laura Perls destaca inclusive que este método utilizado por Fritz, baseava-se em sua habilidade e sensibilidade inerentes aos seus setenta anos de experiência e era a sua forma particular de trabalhar. E acrescenta:

"... Imitar seus métodos como sendo 'a' técnica terapêutica sem um amplo respeito pelas necessidades e limitações específicas de uma situação mais imediata, é superficial, simplístico, mecânico, manipulativo e inautêntico. Um Gestalt-terapeuta não usa técnicas; ele se coloca e atua na situação de terapia com grande habilidade profissional e experiência de vida que ele tenha acumulado e integrado. Existem tantos estilos como existem terapeutas e clientes, que descobrem a si mesmos um ao outro e juntos inventam um relacionamento." (37, p. 2)

Esta colocação de Laura Perls revela a ênfase atribuída ao aspecto pessoal do terapeuta, sua forma particular de organizar integralmente os aspectos pessoais, técnicos e filosóficos da abordagem. O suporte do terapeuta parece estar em sua própria maturidade emocional, ou seja, na consciência clara de si mesmo e de seus recursos. É o que Fritz acentua quando afirma que o terapeuta se usa como instrumento terapêutico.

Muitos terapeutas sem uma visão global da abordagem, na tentativa de ampliar o repertório técnico, incluíram técnicas de outras linhas sem muita preocupação com a coerência e integração. Walter Ribeiro, em palestra proferida no 1º Encontro Nacional de Gestalt-terapia, cita uma crítica de Isadore From:

"Com a morte de Perls, e ele não estava mais disponível para produzir uma técnica por ano o que, parece, dava vida aos seus treinados e os mantinha em atividade. Em poucos anos começamos a ter essas curiosas combinações configuracionais: 'Gestalt e Bionergética', 'Gestalt e Rolfing', 'Gestalt e Análise Transacional'; e ultimamente 'Gestalt e Alexander e Feldenkrais', 'Gestalt e Zen'; e até 'Gestalt e Psicanálise'. Naturalmente, não a análise clássica - esta fora declarada obsoleta - mas a pseudo-análise. A Gestalt parecia compatível com qualquer coisa. Em lugar de novas técnicas providas de Perls e, na ignorância das fundamentações teóricas da Gestalt-terapia, a teoria foi posteriormente violada." (13, p. 7)

Essas conjugações de diferentes abordagens sem uma preocupação com a coerência interna, parece ter-se efetuado através de um mecanismo que Fritz denomina de introjeção. Considera a introjeção um mecanismo neurótico, no qual o indivíduo incorpora normas, atitudes e valores de outros sem discriminação e assimilação. O risco da introjeção é a pessoa "engolir" contradições. Portanto, juntar técnicas de teorias que tem um referencial filosófico diferente, leva a um trabalho incongruente.

A Gestalt-terapia de uma certa forma, por basear-se em diferentes abordagens sem especificar claramente os aspectos retirados de cada uma delas e como as integrou em seu corpo teórico, corre o risco de incongruência interna. Considerando a abordagem gestáltica em fase de reformulação, deve-se ficar atento para o perigo das transposições teóricas e procurar explicitar que influências realmente são pertinentes.

Walter Ribeiro (1987) acrescenta ainda, que a Gestalt-terapia que chegou ao Brasil, foi predominantemente centrada na técnica, o que levou a um desenvolvimento superficial e muitas vezes incoerente. Há uma grande tendência dos países subdesenvolvidos do terceiro mundo de importar pacotes inteiros dos países mais desenvolvidos. No Brasil, principalmente nos anos setenta, justamente o período em que a Gestalt-terapia chegou aqui, era forte a repressão política e o Estados Unidos era o grande modelo. Justifica-se, assim, esta importação tão pouco criteriosa.

Thérèse Tellegen, que foi uma das pessoas responsáveis por trazer a Gestalt-terapia para o Brasil, não seguindo a tendência da época, faz algumas críticas a abordagem a luz do desenvolvimento das ciências humanas, enfocando primordialmente a Teoria Geral dos Sistemas. Critica, por exemplo, o modelo organísmico da relação homem-mundo, e o considera insatisfatório do ponto de vista conceitual, para abranger a complexidade das inter-relações das múltiplas dimensões sistêmicas que engloba. Referindo-se a Perls afirma:

"... ele usa a descrição do processo de percepção dos gestaltistas para o processo motivacional. Várias perguntas se impõem. Primeiro, se a noção de Gestalt diferenciando-se em figura e fundo é uma metáfora descritiva válida para descrever a complexidade dos acontecimentos da motivação e ação humanas. Segundo, a que exatamente se refere o termo "necessidade". Terceiro, se o modelo chega a elucidar o que Perls deseja, que é precisamente a interação de fatores físicos, biológicos, psíquicos e sócio-culturais."
(55, p. 59)

Thérèse considera que uma das insuficiências da noção de Gestalt é a sua tendência a focalizar o "todo" como algo completo em si. Extrapolando esta noção para outros campos, que não a percepção, torna-se necessário observar que cada "todo" está inserido num contexto mais amplo com o qual está em relação recíproca. Propõe que, em se tratando do comportamento humano, a Teoria Geral dos Sistemas enquanto focaliza não só as relações entre as partes formadoras de um "todo", mas também os intercruzamentos dos diversos sistemas e suas articulações, enriquece o modelo sistêmico dos gestaltistas.

Outra crítica que merece destaque refere-se ao próprio nome de Gestalt-terapia. O professor Antônio Gomes Penna, cita um trecho de Hefferline para ressaltar a inadequação do termo Gestalt como nome da terapia criada por Perls.

"O método clínico de estudo de distonia muscular que está mais de acordo com o conteúdo geral deste capítulo é o trabalho de vários institutos de terapia Gestáltica. O emprego que fazem do termo Gestalt para caracterizar seu trabalho é, a meu ver, equívoco, pois isso os liga a um movimento com o qual tem pouca relação, a não ser o emprego de algumas frases, por exemplo: 'Figura de Fundo'." (34, p. 159)

O professor Penna acrescenta ser esta afirmação de Hefferline, rigorosa na medida em que deixa de enfatizar a relevância atribuída ao processo perceptivo e ao dinamismo que o caracteriza, aspectos estes derivados da teoria da Gestalt. E escreve:

"De qualquer modo, fica claro que a expressão Terapia Gestáltica não é adequada, pois a fundamentação na praxis e o aparato conceitual associam-se muito mais ao movimento humanista e existencial que ganhou relevo nos Estados Unidos na década de sessenta... Uma redefinição dessa terapia está a exigir-se, e um rótulo mais condizente com seu conteúdo doutrinário e com seus recursos técnicos deve ser urgentemente cunhado." (Idem, p. 234)

Esta afirmação do professor Penna faz sentido na medida em que a relação atual da Gestalt-terapia com o gestaltismo clássico é muito pequena. A Gestalt-terapia só denominou-se assim por uma teimosia de Perls. Mais adequado ao conteúdo real do seu sistema, seria uma denominação próxima da sugerida por Hefferline como terapia integrativa ou experiencial, já que a influência do gestaltismo não é a mais importante. Na realidade, esta abordagem sofre uma influência maior das correntes existenciais.

Muitas outras críticas são feitas a Gestalt-terapia. Em "Psicoterapias Alienantes" Mark André R. Keepe, relaciona esta abordagem à psicologia da gestalt e escreve:

"Atualmente a Gestalt-terapia também vê o indivíduo como um todo. Mas um todo único e exclusivamente orgânico (acreditam quando o interior do ser humano seja biológico e que a mente não existe)." (25, p. 190)

No entanto, esta crítica parece pouco fundamentada, mas possível de ser feita na medida em que Perls utiliza todo um conceitual biológico para explicar fenômenos mais complexos. Mesmo assim Perls acrescenta:

"... podemos finalmente introduzir na Psicologia um conceito holístico- o conceito de campo unificado - (...) este conceito nos dá um instrumento para lidar com o homem global. Agora podemos ver como suas ações mentais e físicas estão entrelaçadas... pois como agora é mais ampla a superfície que podemos observar se as atividades físicas e mentais são da mesma ordem, podemos observar a ambas como manifestação da mesma coisa: o ser do homem." (42, p. 30)

Uma outra crítica que pode ainda ser abordada, diz respeito a possibilidade de conciliação entre duas importantes influências recebidas pela Gestalt-terapia: a teoria da gestalt e a fenomenologia. A Gestalt Teoria busca estudar os processos da cognição humana dentro de uma redução transcendental e estabelecer as leis universais pelas quais a consciência se relaciona com seus objetos. Já a fenomenologia existencial, pelo contrário, busca descrever a existência concreta e encontrar as significações historicamente estabelecidas através dos nexos vivenciais do nível existencial. (49, p. 77)

Esta questão pode ser analisada tendo por base o pensamento de Merleau-Ponty, que situa a Teoria da Gestalt numa perspectiva fenomenológica. Esta ponte, segundo ele, se dá, quando se aborda a Teoria da Gestalt não como uma filosofia, mas no sentido de ter proporcionado certos conceitos teóricos importantes. Por exemplo, a visão do todo como uma estrutura não-somativa onde o comportamento humano pode ser abordado como um processo único de estruturação, que engloba o homem e seu meio, numa relação dialética e num movimento totalizante.

Conforme Merleau-Ponty, a Teoria da Gestalt compromete sua própria posição crítica, quando tenta prolongar-se em filosofia da Gestalt. Aproxima-se dos preconceitos da teoria clássica, assumindo a forma de um sistema explicativo que procura abarcar o mundo inteiro dos fenômenos. Renova assim, a tentativa de fisicalização da psicologia, que subdivide o campo da experiência em três ordens: física, vital e espiritual. A noção de Gestalt deveria unificar estes níveis.

Merleau Ponty situa estas distinções a nível de estrutura do comportamento, que não é nem coisa nem consciência. Para compreendê-lo torna-se necessário referir-se à dialética organismo-ambiente introduzindo uma nova idéia de temporalidade, que não seja mais a sucessão indiferenciada e uma espacialidade que não se baseie na ficção objetiva.

O comportamento humano não se desenvolve no tempo e no espaço objetivo como uma série de acontecimentos físicos, pois o momento presente para o homem engloba o passado e o futuro.

Além disso, o comportamento humano se diferencia da forma física, por sua capacidade de estruturar de um modo relativamente autônomo, o próprio ambiente. Autonomia esta, condicionada ainda, pela facticidade da situação presente.

Se a teoria da Gestalt procura descrever as leis universais da percepção, deve-se ter em mente que, o que deter

mina o comportamento humano não é uma lei específica, e sim, sistemas de leis em suas combinações.

O comportamento humano tem uma estrutura aberta. É característica do homem a faculdade de ir além das estruturas constituídas, para constituí-las de novo. O humano se define em termos de uma totalidade altamente integrada. (15)

"A adaptação do ser vivo ao próprio meio ambiente não se identifica com uma relação do tipo causa e efeito, mas fundamenta-se numa capacidade de auto-regulação, que permite ao organismo enfrentar e adaptar-se às necessidades do ambiente, às situações novas que surgem constantemente." (15, p. 8)

Assim, esta visão fenomenológica existencial, requer uma mudança de paradigma, onde primazia-se a relação e não os conteúdos em si. Neste aspecto, a Teoria da Gestalt e principalmente a Teoria de Campo, contribui com conceitos teóricos essenciais.

A Gestalt-terapia está em momento de reformulação e todas estas críticas apontam na direção de uma melhor fundamentação de seus conceitos. Busca estruturar-se como um sistema de psicoterapia que se apóie numa ontologia enquanto teoria do conhecimento, acrescido de uma teoria de personalidade, uma teoria psicopatológica, e uma teoria terapêutica, com uma metodologia e procedimentos técnicos adequados ao seu corpo teórico. (Ribeiro, 1987) Sem este desenvolvimento a Gestalt-terapia está fadada à superficialidade e à incoerência. Encontra-se, as

assim, em pleno momento de crescimento.

Finalizando estas considerações críticas, inclui-se uma referência à perspectiva de Fritjof Capra (1982) que alude a novos paradigmas nas ciências atuais, enfatizando uma visão sistêmica na qual o mundo é visto em termos de relação e integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às unidades menores e, possuem uma natureza intrinsecamente dinâmica. O pensamento sistêmico enfatiza o processo de interrelação, unificando os opostos através da oscilação. Considera os organismos vivos como sistemas auto-organizadores, que exibem um certo grau de autonomia, capacidade de auto-transformação e auto-transcendência. Baseia-se numa concepção holística a partir da consciência do estado de interrelação e interdependência essencial de todos os fenômenos - físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Capra procura apontar algumas abordagens que vêm se desenvolvendo em consonância com esta visão de mundo e se refere à Gestalt-terapia:

"Uma das mais populares abordagens entre as novas terapias experimentais é a desenvolvida por Fritz Perls e conhecida como terapia Gestáltica." (7, p. 376)

Acrescenta, ainda, estar estas novas abordagens em fase de elaboração e afirma:

"... está surgindo uma nova psicologia, compatível com a visão sistêmica da vida e que se harmoniza com as concepções defendidas pelas tradições espirituais. A nova psicologia ainda está longe de ser uma teoria completa, desenvolvendo-se até agora na forma de modelos, idéias e técnicas terapêuticas vagamente interligadas. Esses estudos estão sendo desenvolvidos, em grande parte, fora de nossas instituições acadêmicas, pois a maioria permanece excessivamente vinculada ao paradigma cartesiano para que possa apreciar as novas idéias." (7, p. 359)

COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

Neste estudo, objetivou-se evidenciar a relação entre a fundamentação filosófica e a prática da Gestalt-terapia. A importância deste trabalho, apóia-se na convicção de que sem uma visão clara da concepção do homem, torna-se impossível definir os métodos pelos quais este Ser pode ser abordado.

Esquemáticamente, um sistema terapêutico estrutura-se em pelo menos quatro níveis: teoria do conhecimento (visão do homem), pressupostos teóricos, metodologia e prática. A base, que é a fundamentação filosófica, dá sustentação e dirige a teoria, a metodologia e a prática. A importância de uma ali-
cerce firme, está em dar segurança e coerência a abordagem como um todo.

A partir desta constatação, decide-se que um primeiro passo para uma melhor compreensão da Gestalt-terapia é reconhecer as suas bases ideológicas.

A Gestalt-terapia, tornou-se muito popular nos Estados Unidos na década de sessenta, como uma modalidade terapêutica que priorizava a prática. O estilo simplificador e teatralizador de Perls, deu a abordagem uma impressão meio mágica. As demonstrações práticas onde objetiva ensinar a abordagem gestáltica, baseavam-se em procedimentos técnicos que desencadeavam catarses emocionais sem uma ênfase suficiente ao processo

como um todo. Seguindo a tendência anti-intelectual da época, a abordagem foi reduzida a uma modalidade puramente vivencial.

Perls não esclareceu suas fontes, então, o aprendiz da Gestalt-terapia não podia refazer o seu caminho e compreender a abordagem de uma forma inteira. Surgiram, assim, os "fritzinhos", cópias do mestre, que por não estarem apoiados por uma base teórica sólida, não integraram e desenvolveram seus próprios recursos e estilos.

Fritz nasceu, cresceu e viveu na Alemanha numa período de grandes movimentos intelectuais e filosóficos. Sofreu muita influência de um contexto anarquista, que se opunha ao determinismo, ao positivismo e à mentalidade burguesa. Quando ele e sua esposa Laura imigraram para a África do Sul, passaram por um período de muito trabalho prático, onde digeriram começaram a gerar e estruturar a Gestalt-terapia, que finalmente criou corpo nos Estados Unidos.

Esquecida de suas raízes européias, a Gestat desenvolveu-se e foi apresentada por Perls apenas em sua forma final - a prática. As fontes filosóficas e teóricas não foram reconhecidas, deixando a abordagem incompleta e mal compreendida.

O reconhecimento desta distorção têm levado muitos gestalterapeutas a buscar uma melhor fundamentação, fazendo, assim, um caminho inverso ao que seria desejável. O primeiro

contato com a Gestalt-terapia foi vivencial e prático e só de pois a teoria começou a ser investigada.

A literatura da Gestalt-terapia é pobre, superficial e repetitiva, existem poucos trabalhos avançados e profundos. Atualmente, percebe-se uma tentativa por parte dos profissionais desta linha, de inverter este quadro e a abordagem encontra-se em pleno momento de reformulação.

É interessante comentar, ainda, a relação desta abordagem com um novo movimento que está se desenvolvendo nas ciências em geral, que busca novos paradigmas para compreender o homem e o mundo. A partir de descobertas recentes sobre a organização dos sistemas vivos como seres auto-organizadores, introduz uma nova linguagem e compreensão baseados no seu processo, estrutura e função.

Os pressupostos filosóficos e teóricos da Gestalt-terapia, mostram certa sintonia com esta visão. Perls não teve acesso a estas descobertas e, às vezes, utilizava uma linguagem pouco condigna com o conteúdo que queria apresentar. Um exemplo disto, se faz sentir quando procura descrever o comportamento humano através do processo homeostático, usando, assim, uma linguagem biológica para descrever eventos mais complexos. A abordagem gestáltica necessita de um paradigma que se baseie numa visão holística, privilegiando os sistemas de relações e interdependência dos fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ANGERAMI, Waldemar A. Psicoterapia Existencial. São Paulo, Traço, 1985.
- 2 - AUGRAS, Monique. O Ser da compreensão. Petrópolis, Vozes , 1981.
- 3 - BERG, Van den. O Paciente Psiquiátrico. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
- 4 - BRENTANO, Fracisco. Psicologia. Madrid - Revista do Ocidente, 1935.
- 5 - BUBER, Martin. EU e TU. Lisboa, Ed. Moraes.
- 6 - BUROW, Olaf - axel e SCHERPP, Marlheins. Gestalt Pedagogia. São Paulo, Summus, 1985.
- 7 - CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix , 1982.
- 8 - DARTIGUES, André. O que é fenomenologia. Rio de Janeiro , Tempo Brasileiro, 1967, p. 1973.
- 9 - DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda S.F.B. (Org.). Vida e morte ensaios fenomenológicos. Companhia Ilimitada, 1988.
- 10 - FADIMAN, James e FRAGER, Robert. Teorias de personalidade. São Paulo, Harbra, 1979.
- 11 - FAGAN, Joen e SHEPHERD, Irma Lee. Gestalt-Terapia. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

- 12 - FREIRE, Roberto. Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu . São Paulo, Global Editora, 1986.
- 13 - FROM, Isadore. Reflections on gestalt therapy after thirty-two years of practice: a requirem for gestalt in The Gestalt Journal. V. II, 1, 4-12, 1984.
- 14 - GILES, Thomas R. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo, EPU,
- 15 - _____ Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Marleau Ponty. Petropolis, Vozes, 1979.
- 16 - GUIMARÃES, Renato F. Proposta de valorização das bases fenomenologico-existenciais da Gestalt-terapia. Palestra proferida no II Encontro Nacional de Gestalt-terapia , Caxambú, MG, junho de 1989. (não publicada)
- 17 - HEIDBREder, Edna. Psicologias do século XX. São Paulo , Mestre Jou, 1969.
- 18 - HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- 19 - _____ Conferências e escritos filosóficos . (Coleção os Pensadores). São Paulo, Nova Cultura, 1989.
- 20 - HUMPHREY, Karen. Laura Perls: A biographical sketch. in The Gestalt Journal. IX, 1, p. 6.
- 21 - HUSSERL, Edmund. A idéia da fenomenologia. Lisboa, Edições 70, 1986.
- 22 - _____ Investigações lógicas. Sexta investigação. (Coleção os Pensadores). São Paulo, Nova Cultura , 1988.

- 23 - HYCNER, R. Dialogic Gestalt-therapy: An Initial Proposal. The Gestalt Journal VIII, 1, 23-39.
- 24 - KELKEL, Arion L. e SCHÉRER, René. Husserl, Lisboa Edições 70, 1982.
- 25 - KEPPE, Norberto (Org.). Psicoterapias alienantes. São Paulo, Proton Editora, 1979.
- 26 - LUIJPEN, W. Introdução à fenomenologia existencial. São Paulo, E.P.U., 1973.
- 27 - LYOTARD, Jean-François. A fenomenologia. Lisboa, Edições 70, 1954.
- 28 - MARTINS, Joel e DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda F.B. Org. Temas fundamentais de fenomenologia. São Paulo, Editora Moraes, 1984.
- 29 - MAY, Rollo. Psicologia existencial. Porto Alegre, Globo, 1974.
- 30 - MILHOLLAM, Frank e FOSISHA, Bill. Skinner x Rogers. São Paulo, Summus, 1978.
- 31 - MILLER, M.V. The Future of Gestalt Therapy: a Sympósiu
Laura Perls, Mirian Polster, Gary Yontef, Zoseph Sinker.
The Gestalt Journal. IV, 1, 3-18.
- 32 - OAKLANDER, Violet. Descobrimdo crianças. São Paulo, Summus, 1980.
- 33 - PENHA, João da. O que é existencialismo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- 34 - PENNA, Antonio Gomes. Introdução à história da psicologia contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- 35 - PENNA, Antonio Gomes Penna. Linguagem, personalidade e terapia. Rio de Janeiro, Eldorado.
- 36 - PERLS, Laura. Concepts and Misconceptions of Gestalt Therapy. Austria, Voices, 1978, 14: 31-37.
- 37 - _____ Comments on the new directions. In: E.W.L. - SMITH (Ed.). The growing edge of Gestalt therapy. New York, 1976.
- 38 - PERLS, Frederich S. Yo, hambre y agresion. México, Fuente Impresores S/A., 1975.
- 39 - _____ Gestalt terapia explicada. São Paulo, Summus, 1977.
- 40 - _____ Escarafuchando Fritz. São Paulo, Summus, 1979.
- 41 - PERLS, Frederich; HEEFERLINE, R. e GOODMAN, Paul, (1980) Gestalt - Therapy, USA, Bantam Books.
- 42 - PERLS, Frederich S. A abordagem gestática a testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- 43 - POLSTER, Erving e Mirian. Gestalt terapia integrada. Minas Gerais, Interlivros, 1979.
- 44 - PORCHAT, Ieda e BARROS, Paulo (Org.) Ser Terapeuta. São Paulo, Summus, 1985.
- 45 - RIBEIRO, Jorge P. Gestalt-terapia: Refazendo um caminho. São Paulo, Summus, 1985.
- 46 - RIBEIRO, Walter. Buscas em Gestalt Terapia. Palestra proferida no Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo em 27 de fevereiro de 1987. (não publicada)

- 47 - RIBEIRO, Walter. Alcances e limites da Gestalt-Terapia .
Palestra proferida no 1º encontro de Gestalt-terapeu-
tas do Rio de Janeiro em junho de 1987. (não publicada).
- 48 - ROGERS, Carl e WOOD, John K. et alii. Em busca da vida .
São Paulo, Summus, 1983.
- 49 - SEMINÁRIO, Franco Lo Presti. Diagnóstico Psicológico. São
Paulo, Atlas, 1977. .
- 50 - SARTRE, Jean-Paul e FERREIRA, Virgílio. O existencialismo
e um humanismo. Lisboa, Editora Presença Ltda, 1970.
- 51 - SARTRE, Jean-Paul. A imaginação. São Paulo, Nova Cultural,
1987, (os pensadores).
- 52 - STEVENS, Barry. Não apresse o rio. São Paulo, Summus, 1978.
- 53 - STEVENS, John O. Tornar-se presente. São Paulo, Summus ,
1977.
- 54 - _____ Org. Isto é Gestalt. São Paulo, Summus ,
1977.
- 55 - TELLEGEN, Thérèse. Gestalt e grupos. São Paulo. Summus ,
1984.
- 56 - _____ Textos inéditos de thérèse Tellegen .
Centro de estudos de Gestalt de São Paulo. São Paulo ,
Ed. Júlio Cunha, 1989.
- 57 - _____ Elementos de uma psicoterapia Gestálti
ca. ISP, Ed. Júlio Cunha, 1972.
- 58 - _____ Gestalt-terapia. São Paulo, Ed. Júlio
Cunha, 1976.

- 59 - TELLEGEN, Thérèse. Gestalt-terapia no contexto político Social do Brasil. Rio de Janeiro, 1987. Palestra proferida no I Encontro de Gestalt-Terapia no Rio de Janeiro. (não publicado)
- 60 - TROTIGNON, Pierre. Heidegger. Lisboa, Edições 70, 1965.
- 61 - VALENTINI, Lúcio. O caminho fenomenológico do fazer: transcendendo as lógicas do trabalho. São Paulo, Editora C. I., 1988.
- 62 - WATTS, Alan W. Psicoterapia Oriental e Ocidental. Rio de Janeiro, Record, 1961.
- 63 - YONTEF, Gary. A review of the Practice of Gestalt Therapy. Los Angeles, USA, Trident Shop, 1969, p. 161-208.
- 64 - _____ Gestalt Therapy: clinical phenomenology.
- 65 - _____ Brinder e Rimled, Eds. NJ: USA, 1976.
- 66 - _____ Mediocridade ou Excelência: Uma crise de identidade no treinamento em Gestalt-terapia. University of Michigan, USA, Ed. 214, 062: 1981. Tradução Walter Ribeiro.
- 67 - _____ Gestalt Therapy. Its Inheritance from Gestalt Psychology in Gestalt Theory Vol.4 23-39 no 1/2, 1982, West deutscher Vedleg.
- 68 - _____ Gestalt Terapy. The Gestalt Journal, USA Vol. X nº 1 Spring 1987.
- 69 - ZINKER, Joseph. El proceso Creativo en la Terapia Gestaltica. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1979.

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO

"BASES FILOSÓFICAS E IMPLICAÇÕES TÉCNICAS NA GESTALT-TERAPIA"


MESTRANDA: Rosane Carneiro Porto

Dissertação submetida ao CORPO DOCENTE do Centro de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais da Fundação Getúlio Vargas como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de **MESTRE EM PSICOLOGIA.**

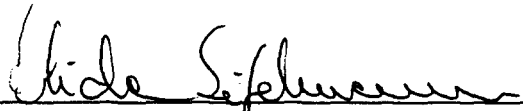
Aprovado por:



Dr. Franco Lo Presti Seminério



Dr. Eliezer Schneider



Dra. Elida Sigelmann

Rio de Janeiro, RJ - Brasil

25 de outubro de 1989